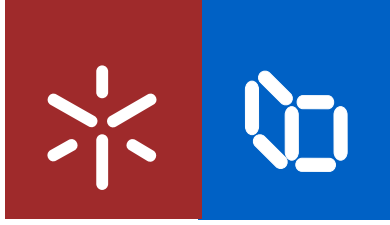


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Mao Yaqi

**Contributos para o estudo contrastivo
de provérbios e idiomatismos em português
e chinês: as obras metalinguísticas
de Joaquim Afonso Gonçalves**



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Mao Yaqi

**Contributos para o estudo contrastivo
de provérbios e idiomatismos em português
e chinês: as obras metalinguísticas
de Joaquim Afonso Gonçalves**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução,
Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Anabela Leal de Barros

junho de 2018

Declaração

Nome: Mao Yaqi

Endereço eletrónico: georginaeva@163.com

Telefone: 934747475

Número do Passaporte: E08919519

Título de Dissertação: **Contributos para o estudo contrastivo de provérbios e idiomatismos em português e chinês: as obras metalinguísticas de Joaquim Afonso Gonçalves**

Orientadora: Professora Doutora Anabela Leal de Barros

Designação do Mestrado: *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*

É autorizada a reprodução parcial desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

**AOS MEUS PAIS
QUE MERECEM ESTE TRABALHO**

AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de manifestar a minha gratidão a todas as pessoas que me ajudaram na realização deste trabalho.

Agradeço profundamente à Professora Doutora Anabela Leal de Barros, minha orientadora de mestrado, pela sua compreensão, paciência e atenção dispensada, pelos seus conselhos valiosos, pelos conhecimentos que me transmitiu, por me motivar a fazer a investigação das obras do Padre Joaquim Gonçalves. Sem a sua ajuda não teria conseguido levar a cabo este trabalho.

À Professora Doutora Sun Lam, Diretora do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, por me dar oportunidade de fazer o meu mestrado na universidade do Minho e pela ajuda que me deu ao longo da vida quotidiana.

Aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional, pelo encorajamento permanente, por me amarem tanto e pela compreensão absoluta, tendo-me ajudando a enfrentar todas as dificuldades de todos os níveis.

A todos os docentes do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*, pela paciência e pelos conhecimentos transmitidos.

Aos meus amigos, em particular a Xu Yarong, a Lei Yang, a Yang Zhou, a Chen Jiawei e a Guo Rui, pela sua amizade, por encorajar-me quando me sentia cansada, pela compreensão e pela ajuda a todos os níveis.

À amiga Melissa Monteiro Dias, pela sua ajuda na revisão do primeiro rascunho deste trabalho.

Aos meus colegas do Mestrado, pela sua ajuda e apoio.

Ao Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, pela oportunidade de formação académica no Programa de Mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*.

Resumo

Os provérbios e idiomatismos transportam a essência de cada língua, são tesouros culturais. O seu estudo e investigação constituem uma via efetiva para o conhecimento de cada cultura. Portugal e a China, um país ocidental e um oriental, possuem grandes diferenças, quer no tocante à língua quer à cultura. Assim, o estudo contrastivo dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses é importante e necessário.

O Padre Joaquim Afonso Gonçalves, pioneiro português dos estudos sinológicos do século XIX, escreveu várias obras de chinês quando trabalhava como professor em Macau. Nas suas várias obras, e em particular na *Arte China*, no *Diccionario Portuguez-China* e no manuscrito recentemente editado por Anabela Barros e Ana Ng Cen (2014; 2017), registam-se muitos provérbios e idiomatismos chineses, geralmente acompanhados de equivalentes, traduções ou explicações em português.

No presente trabalho estudam-se alguns dos provérbios e idiomatismos das suas obras, analisam-se os equivalentes ou explicações em português e comentam-se as suas fontes históricas e contextos culturais, procurando identificar e explicar as diferenças entre eles.

Palavras-chave: Provérbios e idiomatismos portugueses e chineses, Estudo intercultural português-chinês, Joaquim Afonso Gonçalves

Abstract

Proverbs and idioms are cultural treasures, carrying the essence of each language and its related study is an efficient way to understand each culture. Portugal and China, for one is a Western country while the other situates in the East, are very different in language and culture. Thus, it's very important and necessary to make a contrastive study of the proverbs and idioms of these two countries and it will help us to understand their culture.

The Vincentian missionary Joaquim Afonso Gonçalves, who wrote many books of Chinese language while worked as a teacher in Macao, was a distinguished Portuguese sinologist in the 19th century. Most of his books, especially *Arte China*, *Dicionário português-china* and the manuscript recently edited by Anabela Barros and Ana Ng Cen (2014, 2017), record many Chinese proverbs and idioms, most of which are accompanied by equivalents, translations or explanations in Portuguese.

This dissertation studies some proverbs and idioms which are picked from Gonçalves's books, analyzes their Portuguese equivalents, translations and explanations, and furthermore analyzes the cultural differences between these two countries by studying the historical sources and cultural contexts of the proverbs and idioms.

Keywords: Portuguese proverbs and idioms, Chinese proverbs and idioms, Intercultural Studies Portuguese-Chinese, Joaquim Afonso Gonçalves

摘要

熟语是语言的精华，是文化的积淀。分析和研究熟语是了解一国文化的有效方式。葡萄牙和中国，分别作为西方国家和东方国家，不论是在文化上还是语言上都有着巨大差异。在此情况下，对葡汉熟语的对应情况进行分析是非常有价值的，也有助于我们了解两国文化差异。江沙维神父作为19世纪著名的葡萄牙汉学家，在澳门任职教授期间，以极高的水准撰写了一系列中文书籍。在他的著作中，如《汉字文法》、《洋汉合字汇》、由巴罗斯教授和伍昊莹修订的《江沙维汉葡教学法手稿》中，收录了大量中文熟语，其中大部分都有葡文对照、翻译和解释。

本文将从其著作中挑出部分具有代表性的熟语进行研究，分析其中葡语和汉语的对应情况，并结合熟语所折射出的文化背景和历史来源，简要分析两种语言所展现出的文化差异。

关键字：中葡熟语，中葡跨文化研究，江沙维

ÍNDICE

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
摘要.....	viii
Índice de quadros	x
Índice de figuras.....	xi
Introdução	1
I. Dilucidação dos conceitos de <i>idiomatismo e provérbio</i>.....	5
1.1 Expressões idiomáticas	6
1.2 Provérbios	8
II. Terminologia similar em chinês.....	9
2.1 成语 (<i>chéngyǔ</i>).....	12
2.2 谚语 (<i>yànyǔ</i>)	13
2.3 歇后语 (<i>xiē hòu yǔ</i>)	14
2.4 惯用语 (<i>guàn yòng yǔ</i>)	15
III. Expressões idiomáticas e provérbios nas obras metalinguísticas de Joaquim Gonçalves	17
3.1 Breve apresentação do Padre Joaquim Afonso Gonçalves e das suas obras	19
3.2 Recenseamento das expressões e frases idiomáticas e proverbiais	21
3.2.1 Com equivalentes exatos.....	24
3.2.2 Apenas com tradução literal.....	43
3.2.3 Com explicação.....	58
3.2.4 Com equivalente diferente do sentido conhecido	65
IV. Valor cultural.....	69
4.1 Diferenças geográficas.....	70
4.2 Diferenças religiosas.....	74
4.3 Diferenças históricas.....	79
Conclusão.....	84
Referências bibliográficas	90
Referências situográficas.....	98

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. 卖扇的手扇凉, 卖席的睡土炕 — Em casa de ferreiro, espeto de pau	25
Quadro 2. 耳不听, 心不烦 — O que ouvido não ouve, coração não sente.....	28
Quadro 3. 眼不见, 嘴不馋 — O que o olho não vê, coração não deseja	30
Quadro 4. 这山望着那山高 — A galinha do meu vizinho é mais gorda que a minha ..	31
Quadro 5. 随乡儿入乡儿 — Se fores a Roma, vive à romana.....	32
Quadro 6. 心正不怕影儿斜 — Quem não deve não teme	34
Quadro 7. Metáfora presente em 心正不怕影儿斜 — Quem não deve não teme	35
Quadro 8. 挨金似金挨玉似玉 — Chega-te aos bons e parecerás um deles	36
Quadro 9. 一言出口驷马难追 — Palavra que sai da boca é pedra que sai da mão	37
Quadro 10. 雪中送炭 — Caiu a sopa no mel.....	38
Quadro 11. 龙生龙凤生凤, 老鼠的儿子会打洞 — De dragão nasce dragão, e de águia, águia; nasce o rato, logo depois sabe fazer buracos (Filho de peixe sabe nadar).	40
Quadro 12. 掩耳偷铃 — Tapa os ouvidos e furta a campainha.(ilusão)	43
Quadro 13. 梦熊得相 — Sonha em urso e fica primeiro-ministro.....	45
Quadro 14. 习惯成自然 — O costume é outra natureza.....	47
Quadro 15. 有钱使得鬼推磨 — Quem tem dinheiro manda o diabo moer.....	48
Quadro 16. 宰相肚里行下船 — O bojo do primeiro-ministro há de ser um mar.....	50
Quadro 17. 三人同行必有我师 — De três que vão juntos decerto que alguém me excede	52
Quadro 18. 从小看大三岁至老 — Pelo pequeno tirarás o grande; quando velho será o que era de três anos	53
Quadro 19. 得陇望蜀 — Chegando a Lem (lugar) quer chegar a Xu.....	54
Quadro 20. 无事不登三宝殿 — O ocioso não vai ao templo.....	56
Quadro 21. 对驴抚琴 — Tocar viola a um burro(a quem não entende da matéria).....	58
Quadro 22. 望梅止渴 — Olhando para as ameixas estanca-se a sede (espera em vão). 60	
Quadro 23. 人心不足蛇吞相 — Porque o homem é insaciável, devorou a serpente o	

Ministro.....	61
Quadro 24. 瓜田不纳履, 李下不整冠 — No meloal não pegues nos socos, nem debaixo do abrunheiro componhas o barrete (evita suspeita).....	63
Quadro 25. 指着桑树骂槐树 — Põe o ramo em uma parte e vende o vinho noutra.....	65
Quadro 26. 打狗也要看主人— Quem me ama, ama meu cão	67
Quadro 27. Exemplos de provérbios de fácil entendimento	87
Quadro 28. Provérbios com equivalência correta, sem tradução literal	88

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Caracterização semântica de 熟语(shúyǔ) em chinês	11
Figura 2. <i>O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português</i> (Barros & Ng Cen, 2017)	22
Figura 3. 土炕 (tǔkàng).....	26
Figura 4. Dragão e Fénix	42
Figura 5. 掩耳盗铃(yǎn ěr dào líng)	44
Figura 6. 古琴 (gǔ qín)	59

INTRODUÇÃO

As expressões idiomáticas e os provérbios são formados por um número reduzido de palavras que encerram um significado complexo. No caso dos provérbios, a compreensão processa-se linearmente, no sintagma, através da decodificação de cada um dos elementos lexicais que os formam. No caso dos idiomatismos, porém, deparamo-nos com construções não decodificáveis pela mera interpretação ou soma de interpretações de cada um dos elementos que as compõem. É do conjunto, daquela configuração exata, muitas vezes impossível de fazer variar (seja quanto à ordem dos elementos, seja quanto à flexão modo-temporal, etc.), que ressalta um significado novo, dificilmente discernível para aprendentes e falantes do português enquanto língua estrangeira.

Todas essas expressões fixas atingem níveis de perfeição só possíveis pela depuração e reflexão que o tempo favorece. Os provérbios, especialmente, ganham contornos poéticos, singelos, conservam palavras entretanto caídas em desuso na língua, aspetos morfossintáticos já difíceis de interpretar e, todavia, o seu significado permanece claro e quase inalterado. São máximas, ditos que transmitem uma verdade do senso comum, da experiência e da vivência partilhadas por um povo, ainda que pretéritas. Criados pelo povo, eles refletem a vida da sociedade, as suas crenças, os seus medos e expectativas. E assim, são espelho fiel e histórico de cada cultura, merecendo um lugar de relevo no âmbito dos estudos interculturais.

A China e Portugal são extremamente diferentes, em termos de geografia e de cultura, para citarmos apenas dois aspetos que separam estes dois países tão distantes. Vale a pena, por isso, analisar e estudar contrastivamente tudo o que cada uma das suas línguas transporta no campo intercultural.

Além disso, essas duas línguas variam muito, já que uma é indo-europeia, novilatina, e a outra é sinítica, do tronco sino-tibetano. Trata-se de dois sistemas linguísticos construídos de maneira profundamente diversa, com representações escritas bastante distintas e assentes numa visão do mundo certamente divergente, ainda que com toda a proximidade e afinidade de quanto é humano e nos irmana. Assim, é natural que as expressões idiomáticas e os provérbios não ofereçam correspondência fácil nem exata em português e em chinês. Se alguns têm equivalentes exatos, oferecendo uma visão e formulação coincidentes, a maior parte só é traduzida literalmente, ou então muito vaga e aproximadamente. Existe ainda um grupo dessas máximas e idiomatismos que não se

consegue traduzir sem se conhecer a fundo a história e a cultura que cada uma dessas línguas veicula.

A primeira tentativa, relativamente sistemática, para oferecer equivalências entre provérbios e idiomatismos chineses e portugueses ficou a dever-se ao maior sinólogo português, e um dos primeiros e maiores da Europa do seu tempo: o Padre Joaquim Afonso Gonçalves. Nas suas obras metalinguísticas e, em particular, na *Arte China* (Gonçalves, 1829) incluiu uma lista relativamente longa de provérbios e idiomatismos nas duas línguas. São dados pioneiros e muitos valiosos, já que nos permitem estudar a língua e a cultura chinesa do século XIX, lado a lado com a visão do português e da cultura portuguesa. Nas suas obras, coloca-se, com pungência, a questão e a dificuldade da equivalência dessas estruturas em português e chinês.

Com esta dissertação esperamos poder contribuir para a recensão, divisão e classificação dos idiomatismos, por um lado, e dos provérbios, por outro, e para o aprofundamento do seu significado em cada uma das línguas. Analisar-se-ão separadamente aqueles que já possuem equivalentes exatos e coincidentes em chinês e português, observando os pontos de contacto e eventuais razões dessas afinidades de pensamento e formulação, e aqueles para os quais Gonçalves conseguiu apenas oferecer equivalentes aproximados, ou aparentemente diferentes do sentido conhecido, ou noutra língua (latim), e ainda outros cujos lugares da equivalência deixou simplesmente em branco.

Indo um pouco mais longe, procuraremos atestações desses mesmos idiomatismos e provérbios na história da literatura chinesa e nas obras metalinguísticas antigas e contemporâneas relativas ao chinês, tentando ainda determinar quais foram as fontes do Padre Gonçalves para recolha dos idiomatismos e provérbios e analisar os aspetos interculturais que os explicam e estruturam.

Centrar-nos-emos na leitura e análise da literatura relevante sobre os idiomatismos e provérbios da China e de Portugal, recolhendo-os em primeiro lugar, e muito em especial, nas obras metalinguísticas do Padre Joaquim Afonso Gonçalves. Além disso, analisar-se-ão questões em torno dos equivalentes em português e chinês com vista ao aprofundamento dos aspetos linguísticos, históricos e interculturais veiculados em cada uma das línguas. Por fim, pesquisaremos atestações dos idiomatismos e provérbios na

literatura chinesa, comparando os aspetos socioculturais e propondo, sempre que possível, equivalentes para cada caso, ainda que essa tarefa, difícil para um falante de português como língua estrangeira, possa resumir-se a uma mera contribuição, nem sempre plenamente conseguida.

O presente trabalho de investigação desenvolve-se ao longo de quatro capítulos. No primeiro oferece-se uma visão geral dos conceitos de *provérbio* e *expressão idiomática*, destacando não só as suas características básicas, mas também as diferenças e semelhanças entre eles.

O capítulo II esmiúça os conceitos de 熟语 (*shúyǔ*) e a sua classificação, com base nas definições dos dicionários e das obras metalinguísticas, distinguindo cada um dos elementos que compõem um 熟语 (*shúyǔ*), com algumas definições e alguns exemplos.

No capítulo III apresenta-se, de uma forma breve, a biografia do pioneiro português nos estudos sinológicos, Padre Joaquim Gonçalves, e a sua obra. De seguida, analisam-se os provérbios e idiomatismos das suas obras, dividindo-os em quatro grupos: os que possuem equivalentes corretos, os que apresentam apenas traduções literais, os que apresentam apenas explicações e os registados com equivalentes diferentes do sentido conhecido. Para além de se agruparem os provérbios e idiomatismos, procuraram-se as origens e as histórias por detrás, para uma explicação mais clara. Investigaremos também a variação entre os provérbios que constam nos seus manuscritos e os que figuram no manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal editado recentemente por Barros e Ng Cen (2014; 2017) comparando por fim a sua formulação na obra do religioso português com os que se usam atualmente.

No capítulo IV, analisam-se os aspetos interculturais de Portugal e da China que resultam da comparação dos provérbios e dos idiomatismos dos dois países, já que estes implicam muitos elementos culturais que vale a pena investigar. Analisar-se-ão, em particular, três aspetos culturais: as diferenças geográficas, as religiosas e as históricas.

Capítulo I

Dilucidação dos conceitos
de *idiomatismo* e *provérbio*

A cultura revela-se em vários aspetos. A língua é, sem dúvida, um dos meios pelos quais se manifesta a cultura de um país. Como um dia Fernando Pessoa escreveu, *a minha pátria é a língua portuguesa*.

Em cada língua, para além das palavras, há expressões e frases especiais, formas fixas e simples que contêm significados profundos. Elas têm origem em situações da vida quotidiana, expressam tradições culturais ou ideias populares. Como uma ponte, elas ligam as gerações.

Segundo Leal Vilarinho, a língua é um espelho da sociedade e, nesta medida, é um património valioso:

Se a língua se identifica com um povo, e é a parte mais viva da sua cultura, pela potencialidade geradora de factos culturais que possui, assim o provérbio, fazendo parte integrante duma língua e representando geralmente um estado diacrónico da mesma língua, tem a particularidade de nos ensinar não só o que um povo é, como o que foi, e até como chegou a ser o que é hoje.

(Vilarinho, 1985: 3)

O presente trabalho propõe-se comparar algumas expressões fixas usadas em chinês e português, pelo que se impõe, no início, uma definição sobre o que realmente são essas expressões. Discutir-se-á, principalmente, o que são expressões idiomáticas, provérbios e 熟语 (*shúyǔ*), procurando clarificar os seus conceitos, com base nas informações oferecidas pelos dicionários e bibliografia do âmbito linguístico.

1.1 Expressões idiomáticas

Começemos por definir as expressões fixas em português.

Expressões idiomáticas ou idiomatismos são usados amplamente não só no discurso oral, mas também na literatura. Sendo uma parte importante e especial do campo linguístico, há muitos estudos sobre elas. Eis algumas definições propostas quer pelos dicionários quer pela bibliografia especializada.

1) *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*

A expressão idiomática é uma locução ou frase cuja estrutura se fixou na língua e cujo significado não corresponde à soma dos significados isolados das palavras que a compõem, motivo pelo qual não é interpretada à letra.¹

2) *O campo minado das expressões idiomáticas*

Expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural.

(Xatara, 1998: 149)

Analisando as definições acima, podemos identificar as seguintes características das expressões idiomáticas:

1. Não podem ser entendidas literalmente.
2. Desenvolvem-se e evoluem naturalmente ao longo da história.
3. Têm uma forma fixa.
4. São muito usadas na oralidade.

Destaque-se também que a expressão idiomática é uma lexia complexa, ou seja, é construída por várias palavras, mas o seu significado ultrapassa a mera combinação literal das palavras que a compõem. Para alcançar o seu significado verdadeiro, é necessário investigar a história que a motivou ou o contexto em que é usada. Se não se conhecer bem o contexto, dificilmente se entenderá o significado.

Em resultado disso, as expressões idiomáticas são particularmente difíceis quando se estuda uma língua estrangeira. Só com bastante estudo se pode ter acesso ao mundo dos idiomatismos. E, claro, quando alguém os entende bem, já pode entrar oficialmente no mundo dos portugueses.

¹ "Expressão idiomática", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/express%C3%A3o%20idiom%C3%A1tica> [consultado em 14-03-2018].

1.2 Provérbios

O provérbio também ocupa um lugar proeminente na língua portuguesa. Diferente da expressão idiomática, é sempre a conclusão das experiências ou lições aprendidas pelo povo. Comparativamente aos idiomatismos, os provérbios são mais fáceis de entender e relembrar. Com base no ponto de vista dos dicionários e dos linguistas, podemos definir *provérbio* da seguinte forma:

1) *Dicionário Mini da Língua Portuguesa* (2013 : 414)

Provérbio é uma afirmação popular que encerra uma moral.

2) *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*

Provérbio é uma máxima expressa em poucas palavras e tornada vulgar.²

3) *Revisitando o Conceito de Provérbio*

Para nós, provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

(Xatara & Succi, 2008: 35)

Em suma, os provérbios são geralmente frases completas que recolhem experiências dos povos, normalmente as conclusões dos princípios sociais e fenómenos naturais, de origem popular e passadas de geração em geração. Equivalem a uma afirmação e, muitas vezes, servem para ensinar, persuadir ou até praguejar, podendo mesmo ser considerados como frutos da filosofia popular.

² "Provérbio", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/Prov%C3%A9rbio> [consultado em 14-03-2018].

CAPÍTULO II

Terminologia similar em chinês

A cultura chinesa tem uma longa história. A língua evoluiu bastante ao longo dos cinco mil anos de história da civilização chinesa. Neste processo, inúmeras palavras foram criadas, muitas desapareceram, e surgiram ainda as fraseologias. No caso do chinês, as fraseologias são definidas como 熟语 (*shúyǔ*), termo especial que traduz um conjunto de palavras, uma expressão ou mesmo uma frase completa. Esse conjunto de palavras é sempre tratado como uma unidade que, por ter significado e forma fixos, não pode ser alterada.

Em chinês, 熟 (*shú*) significa 'maduro' e 语 (*yǔ*) é 'palavra', pelo que, em conjunto, formam *palavra madura*, a palavra que se usa ou usou por muitos anos e por muitas pessoas.

O *Dicionário de Chinês Moderno* 《现代汉语词典》 define 熟语 (*shúyǔ*) da seguinte forma:

Expressão fixa que só pode ser aplicada na sua totalidade, sem sofrer qualquer alteração à sua constituição (por parte do utilizador). Geralmente, não pode ser analisada de acordo com a sua estrutura/formação.

(Academia de Ciências da China, 2006: 1267).³

Na verdade, esse tipo de lexia envolve distintas estruturas fixas, umas de fonte predominantemente escrita e literária, outras mais do foro popular e oral, nomeadamente, 成语 (*chéngyǔ*, um tipo de expressão especial geralmente constituído por 4 caracteres), 谚语 (*yànyǔ*, ou provérbios), 歇后语 (*xiē hòu yǔ*, um tipo de expressão especial formado por duas partes), 格言 (*géyán*, máximas), 惯用语 (*guàn yòng yǔ*, idiomatismos), entre outros. Até aos anos cinquenta do século XX, havia mais de quarenta nomes para classificar a fraseologia na China. Depois disso, os linguistas começaram a usar o termo 熟语 (*shúyǔ*) para o conceito geral dos frasemas ou estruturas com formas e significados fixos, termo que foi amplamente aceite (Sia, 2011: 2).

³ Tradução minha do chinês original: 熟语: 固定的词组, 只能整个应用, 不能随意变动其中成分, 并且往往不能按照一般的构词法来分析。

Ainda hoje se debate quais as lexias que constituem o 熟语 (*shúyǔ*). Segundo a obra lexicográfica o *Chinês Moderno* 《现代汉语》 (*xiàndài hànyǔ*) (Gabinete de Estudo do Chinês Moderno, 2003: 246), os 熟语 (*shúyǔ*) incluem os *Chengyu*, os *Yanyu*, os *Xiehouyu* e os *Guanyongyu*. Já na *Nova coleção de chinês moderno* 《新编现代汉语》 (*xīnbiān xiàndài hànyǔ*) Zhang (2005: 254) afirma que existem três grandes categorias de frasesmas, a saber, o *Chengyu*, o *Guanyongyu* e o *Xiehouyu*. A *Gramática de chinês moderno* 《现代汉语语法》 (*xiàndài hànyǔ yǔfǎ*) (Luo, 2000: 121) explica que os 熟语 (*shúyǔ*) são constituídos pelos *Chengyu*, *Guanyongyu*, *Xiehouyu*, *Yanyu* e *Geyan*, entre outros.

Como se pode constatar nas teorias acima, os termos que surgem mais vezes são *Chengyu*, *Guanyongyu*, *Xiehouyu* e *Yanyu*. Posto isto, podemos dizer que a definição mais adequada de 熟语 (*shúyǔ*) inclui os *Chengyu*, *Guanyongyu*, *Xiehouyu* e *Yanyu*. Esta é também a classificação mais aceitável no campo linguístico chinês. Nesta dissertação adotamos igualmente essa classificação quanto ao 熟语 (*shúyǔ*), discutindo apenas aqueles quatro elementos (Figura 1). Deter-me-ei adiante um pouco mais sobre eles.



Figura 1- Caracterização semântica de 熟语 (*shúyǔ*) em chinês

2.1 成语 (*chéngyǔ*)

O dicionário *Cihǎi* 《辞海》 define o termo 成语 (*chéngyǔ*) do seguinte modo:

Um tipo de fraseologia, geralmente constituído por quatro carateres, tendo várias origens; algumas podem ser entendidas literalmente, enquanto outras só podem ser compreendidas depois de se saber a origem.⁴

(Comissão de Editores do *Cihai*, 2009: 4333)

Já o *Dicionário do Chinês Moderno* 《现代汉语词典》 explica o termo em análise da seguinte forma:

Sendo há muito tempo usadas pelo povo, são expressões fixas que podem também ser frases curtas. São geralmente constituídas por quatro carateres e, em geral, têm origem ou fonte conhecida. Algumas são facilmente compreendidas de forma literal, mas outras apenas conseguem ser interpretadas através do conhecimento das suas origens.⁵

(Academia de Ciências da China, 2006: 173)

Com base nestas explicações, o 成语 (*chéngyǔ*) é uma expressão fixa com as seguintes características:

1. Geralmente, tem uma origem, histórica ou literária, que a explica.
2. Normalmente é constituída por quatro carateres, correspondendo algumas a frases curtas.
3. A história e a origem são importantes para a sua compreensão.
4. É usada pelo povo há muito tempo, na maioria dos casos.

⁴ Tradução minha do chinês original: 熟语的一种。习用的固定词组。在汉语中多数由四个字组成。组织多样,来源不一。有些可从字面理解,有些要知道来源才懂。

⁵ Tradução minha do chinês original: 人们长期以来习用的, 间接精辟的定型词组或短句。汉语的成语大多由四个字组成, 一般都有出处。有些成语从字面上不难理解, 有些必须知道来源和典故才能懂得意思。

Temos que ter em conta que, embora sejam sempre constituídas por quatro carateres, nem todas as expressões de quatro carateres podem ser consideradas 成语 (*chéngyǔ*). Para ser considerado um 成语 (*chéngyǔ*) deve ter uma estrutura fixa e possuir uma longa história. Usam-se 成语 (*chéngyǔ*) como expressões fixas com significados especiais e completos. Não podemos fazer nenhuma alteração dos seus carateres nem os explicar elemento a elemento, pois o seu significado só resulta da soma exata de todos eles, naquela precisa ordem.

Por exemplo, 掩耳盗铃 (Tapar/orelhas/furtar/campainha) (*yǎn ěr dào líng*) é uma expressão de quatro carateres que só pode ser usada como uma expressão fixa, possuindo ainda um significado completo. A expressão significa literalmente 'tapa os ouvidos e furta a campainha', mas, na realidade, quer dizer 'enganar-se a si próprio', e isto tem a ver com a sua origem, presente no livro 《吕氏春秋》 (*Lǚshì chūnqiū*)⁶.

2.2 谚语 (*yànyǔ*)

O *Dicionário de chinês moderno* 《现代汉语词典》 (*xiàndài hànyǔ cídiǎn*) define 谚语 (*yànyǔ*) desta maneira:

Um tipo de fraseologia fixa que se divulga entre os povos, dando lições e conhecimento através de frases simples.⁷

(Grupo de Editores da Academia Chinesa de Ciências Sociais, 2003: 1453)

O carácter 谚 (*yàn*) traduz a ideia de 'divulgar', enquanto 语 (*yǔ*) é a 'palavra ou frase'. Portanto, o termo designa 'qualquer frase amplamente divulgada'. O seu conteúdo está sempre relacionado com as lições ministradas ou o conhecimento adquirido pelo povo. Já não é possível descobrir a origem de algumas destas expressões, sabendo-se

⁶ O *Lǚshì chūnqiū* é um livro chinês clássico de carácter enciclopédico, compilado por volta do ano 239 a.C., sob o patrocínio de Lǚ Buwei, chanceler da Dinastia Qin.

⁷ Tradução minha do chinês original: 在群众中间流传的固定语句,用简单通俗的话反映出深刻的道理。

apenas que eram conhecidas pelos avós dos avós ou usadas em tempos ainda mais antigos. Outras ficaram registradas em artigos e monografias antigos, em obras literárias de outros tempos, que se tornaram famosas e populares. Em suma, o 谚语 (yànyǔ) é a consolidação da inteligência dos povos. Tendo em conta esta explicação, pode dizer-se que 谚语 (yànyǔ) é um termo aproximado de *provérbio*.

耳不听，心不烦(orelhas/não/ouvir/coração/não/preocupar) (ěr bù tīng, xīn bù fán) é um exemplo de 谚语 (yànyǔ), já que representa experiência e/ou conhecimento adquiridos pelo povo ao longo dos tempos, significando que "o que o ouvido não ouve, o coração não sente", segundo Joaquim Gonçalves (1829: 317); hoje em dia, apresenta variação em português, tendo mudado de órgão dos sentidos: *O que os olhos não vêem o coração não sente; Longe da vista, longe do coração*.

2.3 歇后语 (xiē hòu yǔ)

O 歇后语 (xiē hòu yǔ) é um tipo de expressão interessante, sendo vista por muitas pessoas como um enigma. Observemos primeiro a sua explicação na *Nova coleção de chinês moderno* 《新编现代汉语》 (xīnbiān xiàndài hànyǔ):

O 歇后语 (xiē hòu yǔ) é usado no discurso oral, assemelhando-se a uma espécie de adivinha; a sua estrutura é constituída por duas partes, sendo a primeira uma descrição alegórica (ou figurativa) e a segunda contendo a mensagem real ou o significado pretendido da alegoria.⁸

(Zhang, 2005: 267)

Este termo linguístico só existe em chinês, para designar frases curtas e vívidas, experiências e lições de vida. O locutor pode escolher dizer a expressão na totalidade ou apenas mencionar a primeira parte, fazendo com que os ouvintes adivinhem o restante.

⁸ Tradução minha do chinês original: 歇后语是由近似谜面、谜底两部分组成的带有隐语性质的口头语。前一部分是比喻或说出一个事物,像谜语里的'谜面'; 后一部分像'谜底'。

O exemplo que se segue dá a conhecer essa forma de expressão: 黄鼠狼给鸡拜年 — 没安好心 (doninha/a/galinha/desejar bom ano — não/ter/boa intenção) (*huángshǔláng gěi jī bàinián — méi ān hǎoxīn*). A primeira parte da frase significa que uma doninha faz uma visita de cortesia a uma galinha na celebração do Ano Novo. Esta descrição faz com que as pessoas se questionem sobre o que leva uma doninha a visitar uma galinha. Sabemos que a galinha é a comida favorita das doninhas. Portanto, será plausível que a visita da doninha pretenda celebrar o Ano Novo? Evidentemente, ela tem a intenção de comer a galinha. Assim sendo, a segunda parte da expressão mostra a verdadeira mensagem, "a intenção não é boa", ou seja, quando alguém suspeito se comporta de forma demasiado simpática devemos questionar as suas intenções, que geralmente não são boas. Algo como *Isto traz água no bico* ou *De boas intenções está o inferno cheio*.

Esta é a forma típica de um 歇后语 (*xiē hòu yǔ*), uma espécie de enigma que exige reflexão para se chegar ao seu significado real.

2.4 惯用语 (*guàn yòng yǔ*)

O Dicionário de Chinês Moderno 《现代汉语词典》(*xiàndài hànyǔ cídiǎn*) define 惯用语 (*guàn yòng yǔ*) da seguinte forma:

Um tipo de 熟语 (*shúyǔ*). Geralmente expressa um significado completo com expressão fixa e oral, usando muitas vezes metáforas.⁹

(Academia de Ciências da China, 2006: 506)

Os caracteres que formam a palavra são 惯 (*guàn*), que significa 'hábito' ou 'habituar-se'; 用 (*yòng*), que tem o sentido de 'utilidade' ou 'uso', podendo ser traduzido como *usar*, e, por último, 语 (*yǔ*), como já foi dito anteriormente, que significa 'palavra

⁹ Tradução minha do chinês original: 熟语的一种，通常用口语色彩较浓的固定词组表达一个完整的意思，多用其比喻意义。

ou frase'. No seu todo, a expressão ou palavra pode ser literalmente traduzida como "o que o povo se habitua a usar".

Em comparação com o 成语 (*chéngyǔ*), o 歇后语 (*xiē hòu yǔ*) e o 谚语 (*yànyǔ*), a construção do 惯用语 (*guàn yòng yǔ*) é mais flexível. Ele desenvolve-se ao sabor das mudanças sociais, sendo mais informal, uma vez que nele existem muitas metáforas. Quanto ao significado dessas metáforas, a consulta dos dicionários ou o recurso a um nativo de língua chinesa poderão ajudar a entendê-las claramente, já que, de uma maneira geral, o significado literal não é suficiente.

É o caso de 开夜车 (*kāiyèchē*), que se traduz literalmente como *conduzir um carro à noite*, mas que significa 'ficar acordado até muito tarde para estudar ou trabalhar'.

O mais importante é distinguir bem os termos 惯用语 (*guàn yòng yǔ*) e 谚语 (*yànyǔ*). Quanto ao uso e à formação, o 谚语 (*yànyǔ*) está, em português, mais perto do provérbio, enquanto o 惯用语 (*guàn yòng yǔ*) equivale ao idiomatismo.

CAPÍTULO III

Expressões idiomáticas e provérbios

nas obras metalinguísticas

de Joaquim Gonçalves

Da análise dos referidos conceitos linguísticos ressaltam algumas características comuns:

1. A característica mais óbvia é a forma fixa.
2. De origem leiga ou popular, são verdadeiros representantes da vida dos povos.
3. Perpetuam-se ao longo de várias gerações, pelo que o seu estudo ajuda a perceber a história e as tradições de cada país.

Desde o século XVI que os primeiros sinólogos portugueses, e alguns estrangeiros sob a égide do padroado português, começaram a estudar e a descrever o chinês, em gramáticas e dicionários que, em alguns casos, permanecem manuscritos, e alguns mesmo desaparecidos. No século XIX, as obras do Padre Joaquim Afonso Gonçalves, o maior sinólogo português, de que tomámos conhecimento na disciplina de Gramática Aplicada do Português II, lecionada por Anabela Leal de Barros, no âmbito do Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês, atraíram o nosso interesse, essencialmente no que respeita aos provérbios que o autor estudou.

As suas obras são um excelente ponto de partida para uma comparação entre expressões idiomáticas e provérbios portugueses e chineses, permitindo identificar muitas diferenças culturais entre Portugal e a China. Tendo vivido no século XIX, algumas frases registadas por Gonçalves, quer em chinês quer em português, possuem formação ou palavras diferentes das que usamos hoje. O tempo passa e a língua está em constante mudança, oferecendo variação diacrónica. Essas alterações também merecem estudo, de forma a conhecermos as expressões usadas pelos nossos antepassados.

3.1 Breve apresentação do Padre Joaquim Afonso Gonçalves e das suas obras

O Padre Joaquim Afonso Gonçalves foi uma figura importante nas relações entre a China e Portugal, e em especial para a descrição e o ensino-aprendizagem do chinês (Aresta, 2000; Levi, 2007; Uchida, 2011; Tao, 2013; Barros, 2014; Ng Cen, 2014). Nasceu a 23 de março de 1781, numa pequena vila de Trás-os-Montes.

Inocêncio Francisco da Silva (1858: 57) foi o primeiro autor a apresentar um breve apontamento biográfico e bibliográfico do Padre Joaquim Gonçalves, já anteriormente citado e transcrito por Anabela Barros (2014: 105-106).

Refere António Aresta (2000: 67) que o jovem Joaquim tinha jeito para a música e para a matemática, conhecimentos úteis que se esperava o ajudariam, no futuro, a entrar na Corte Imperial de Pequim. Ele ingressou no seminário de Rilhafol (Lisboa) em 1799, partindo para a China em 1812, com o objetivo de divulgar o cristianismo.

Chegado a Macau, dado que o governo chinês tinha entretanto impedido qualquer atividade de missionação no continente, permaneceu ali com outros religiosos. O padre começou a trabalhar no Real Seminário de S. José como professor de Chinês, Música e Astronomia, revelando todo o seu talento linguístico, especialmente no tocante ao inglês e ao chinês. Macau tornou-se o centro da sinologia desde então.

Visto que o povo de Macau falava, e fala, o cantonês, muito diferente da língua usada pela corte de Pequim, foi essa a língua que muitos lazaristas estudaram em Macau. No entanto, tal como refere Uchida (2011: 232), o Padre Gonçalves ensinou a "língua oficial de Beijing".

Durante vinte e oito anos, Joaquim Afonso Gonçalves dedicou-se ao ensino do chinês, redigindo também vários manuais didáticos para os seus alunos. De acordo com Barros (2017: 11), o seu método de ensino-aprendizagem do chinês revela-se nessas obras reconhecidamente inovador, pois, embora o autor aluda à replicação do método de ensino do latim, encoraja o estudante a entrar no mundo chinês, fazendo uma boa seleção de frases e outro material literário em chinês, incluindo muito redigido por ele mesmo, ao que tudo indica (os diálogos, por exemplo), e ajudando os estudantes a conhecerem a

sociedade chinesa daquele tempo. Aresta (2000: 1) menciona que "o P. Joaquim Afonso Gonçalves foi uma figura de capital importância no contexto das relações culturais entre Portugal, Macau e a China no século XIX".

O grande padre, professor e sinólogo português faleceu em 1872, ficando o corpo na Igreja de S. José. No seu sepulcro foi gravado o seguinte epitáfio:

D. O. M.

Hic Jacet

Rev. D. Joachim Alph. Gonçalves Lusitanus Presbyter Congregationis Missionis

In Regali Collegio S. Joseph Macaonensi Professor Eximius

Regalis Societatis Asiaticae Socius Exter Pro Sinensibus Missionibus Sollicitus
Perutilia Opera

Sinico, Lusitano Latinoque Sermone Composuit Et In Lucem Edidit

Moribus Suavissimis, Doctrina Praestanti Integra Vita, Qui Plenus Diebus

In Domino Quievit, Sexagenario Major

V. Non. Octobr.

Anno MDCCCXLI

In Memoriam Litteraturae que Cultores Hunc Lapidem Consecravere.

(*apud* Aresta, 2000: 677)

O Padre deixou-nos obras muito valiosas:

(1) *Grammatica Latina...* (1829)

(2) *Arte China...* (1829)

(3) *Diccionario Portuguez-China* (1831)

(4) *Diccionario China-Portuguez* (1833)

(5) *Vocabularium Latino-Sinicum* (1836)

(6) *Lexicon manuale Latino-Sinicum* (1839)

(7) *Lexicon magnum Latino-Sinicum* (1841)

O pioneiro da sinologia russa Hyacinth Bichurin (1777-1853) menciona, na sua *Gramática de Chinês*, que a *Arte China* do Padre Joaquim Gonçalves era um manual excelente para o ensino da gramática chinesa (*apud* Liu, 2009: 152) .

Tal como já antes referiram Levi (2007) e Barros e Ng Cen (2014; 2017), essa obra divide-se em oito capítulos: o primeiro é dedicado ao *Alfabeto China*, o segundo enumera *Frases Vulgares e Sublimes*, o terceiro versa sobre *Gramática*, o quarto é sobre *Syntaxe*, no quinto encontramos *Diálogos* e no sexto *Provérbios*, o sétimo concentra-se na *História* e o último é sobre *Composições Chinas*. Em resumo, o religioso criou um sistema para ensinar o mandarim aos lazaristas, do alfabeto à gramática, de modo a fornecer um conhecimento básico dessa língua. A parte dos diálogos, em que incluiu várias situações, é extremamente útil para a vertente prática do ensino e aprendizagem do chinês. Mas talvez o contributo mais difícil de se conseguir e mais complexo tenha sido o que o Padre nos oferece no capítulo dedicado aos provérbios, já que foi pioneiro nessa matéria. O sinólogo deu muita relevância aos provérbios no estudo da língua. Colecionando frases que ouvia na rua ou lia em livros, registou-as numa lista bastante valiosa, ainda que muito haja ainda a fazer a esse respeito.

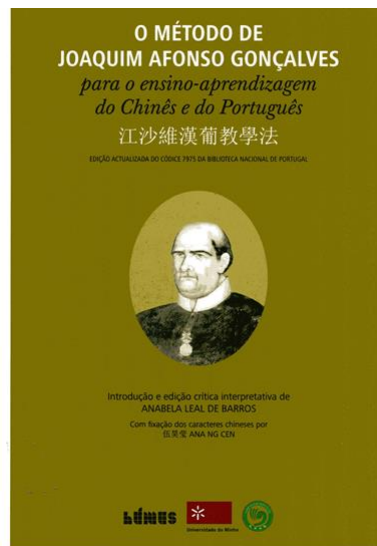
3.2 Recenseamento das expressões e frases idiomáticas e proverbiais

Anabela Leal de Barros editou em 2014 o manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal atribuído ao Padre Joaquim Afonso Gonçalves, com a colaboração de Ana Ng Cen, que se ocupou da transcrição dos caracteres chineses do código (Barros e Ng Cen, 2014). Nessa obra, intitulada *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: um manuscrito inédito do P.^e Joaquim Afonso Gonçalves*, oferece-se a transcrição semidiplomática do código 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal e estuda-se contrastivamente o seu conteúdo com o da *Arte China* (Gonçalves, 1829), pelo que se trata de uma edição crítica amplamente anotada.

A essa edição crítica, com transcrição semi-diplomática do texto, seguiu-se em 2017 aquela que passarei a utilizar, precisamente porque se trata da edição interpretativa,

com grafia atualizada, publicada sob o título de *O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português* (Barros & Ng Cen, 2017).

Figura 2 - *O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português* (Barros & Ng Cen, 2017)



Para além da apresentação do texto original do manuscrito, Anabela Barros efetua a edição crítica comparando toda a variação em português entre o texto do códice e o da *Arte China*, já que as duas obras apresentam partes comuns e relativamente coincidentes. Assim, regista-se também em Barros e Ng Cen (2014; 2017) a variação relativa aos provérbios e expressões ou frases idiomáticas, que começaram por ser apresentados no manuscrito e depois se publicaram na gramática impressa, a *Arte China*, embora o conteúdo das duas obras não seja sempre coincidente também no que respeita a provérbios e idiomatismos.

Dada a distância entre as duas línguas, e respetivas famílias linguísticas, e ainda a divergência sociocultural entre a China e Portugal, é difícil encontrar uma equivalência correta e exata para muitos provérbios. O Padre Gonçalves traduziu, por isso, maioritariamente, palavra a palavra, talvez também por motivos didáticos. Ao dedicar-me ao estudo comparativo das duas línguas no âmbito deste mestrado de Estudos Interculturais Português-Chinês, fui acalentando a ideia de dar algum contributo no

sentido de aprofundar o conteúdo desses provérbios e idiomatismos, com vista a achar os equivalentes mais adequados da fraseologia portuguesa e da chinesa.

Organizei as expressões registadas pelo Padre de acordo com a divisão semântica em chinês contemporâneo. Nem todos são provérbios (谚语, *yànyǔ*); muitos deles são 成语 (*chéngyǔ*), expressões de quatro caracteres com origem em histórias antigas. Alguns eram ditos característicos do povo daquele tempo e já não são usados em chinês hodierno. Será por isso melhor classificar os idiomatismos e provérbios do manuscrito como 熟语 (*shúyǔ*, o conceito geral da fraseologia chinesa).

Analisam-se, de seguida, várias dessas frases e expressões de acordo com a seguinte divisão:

- 1) Com equivalentes exatos
- 2) Apenas com tradução, mais ou menos literal
- 3) Apenas com uma explicação
- 4) Com equivalente de significado diferente do conhecido

Como muitas frases e expressões do livro já não são usadas em chinês hodierno, e alguns deles não são 熟语 (*shúyǔ*) de acordo com a visão contemporânea, aqueles que escolho para analisar são os que ainda hoje são conhecidos e refletem a típica cultura chinesa.

Para além de investigar quais os 熟语 (*shúyǔ*) com equivalentes corretos na obra de Gonçalves, comparar-se-ão as palavras e estruturas usadas nas duas línguas. Quanto aos que apenas apresentam tradução literal ou explicação, daremos nota do contexto e das fontes, realçando assim a sua componente cultural, uma vez que nem sempre é possível entender completamente a ideia dos 熟语 (*shúyǔ*) apenas através da combinação dos significados de cada carácter.

3.2.1 Com equivalentes exatos

Neste trabalho começarei por apresentar em quadros específicos a versão dos provérbios e idiomatismos selecionados para estudo, em português e em chinês, tal como surge registada no manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal, editado com grafia atualizada em *O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português* (Barros e Ng Cen, 2017), e que é obra anterior à *Arte China* — conforme refere Anabela Leal de Barros na introdução dessa obra (Barros e Ng Cen, 2017: 58-59). A formulação em chinês surgirá acompanhada da romanização, que Gonçalves só incluiu no manuscrito (nunca presente na *Arte China*), e, em seguida, do respetivo *pinyin*, da minha responsabilidade. Por vezes, Gonçalves, no manuscrito, faz ainda acompanhar os provérbios ou idiomatismos, por debaixo da respetiva romanização, do significado literal carácter a carácter, que também reproduzo nos quadros. Em seguida, e neste caso para todos os provérbios e frases ou expressões idiomáticas em estudo nesta dissertação, disponibilizo o significado literal dos caracteres chineses, da minha responsabilidade. Nos casos em que existem diferenças entre as versões apresentadas nas duas obras, em chinês e/ou em português, a transcrição do que se publicou na *Arte China* apresenta-se no comentário que a seguir se efetua de cada quadro e de cada provérbio ou idiomatismo nele incluído.

Gonçalves registou as romanizações de acordo com a língua usada pelas falantes da região onde vivia naquela época. Ao deixar nota da maneira como as pessoas da região falavam no século XIX, garante-nos uma importante oportunidade de contacto com a história da(s) língua(s) chinesa(s) e respetiva fonética e fonologia. Acrescento o *Pinyin* para que seja possível o seu estudo contrastivo com a pronúncia do mandarim usado hoje em dia.

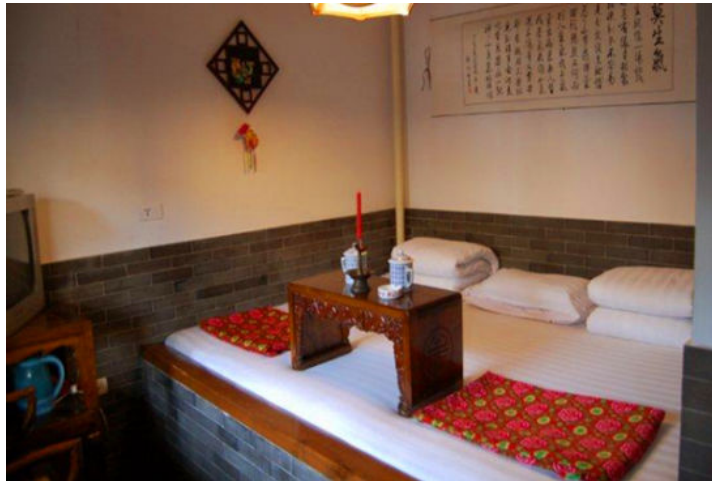
Quadro 1. 卖扇的手扇凉，卖席的睡土炕 — Em casa de ferreiro, espeto de pau

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 430)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Em casa de ferreiro, espeto de pau.	卖扇的手扇凉， <i>mai xan ti xau xan leam</i> vender/flabelo/mão/abanar/fresco 卖席的睡土炕 <i>mai sì ti xuei tu cam</i> esteira terra cama o que vende esteiras dorme na terra <i>(màishànde shǒu shān liáng,</i> <i>màixide shuì tǔkàng)</i>	vendedor de leque/mão/esfriar/ vendedor de esteira/deitar-se/cama de tijolo

A frase 卖扇的手扇凉，卖席的睡土炕 inclui duas partes, cada uma delas registada separadamente no manuscrito atribuído ao padre lazarista, apresentado no livro *O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português*. No entanto, uma vez que o autor deu a mesma equivalência às duas frases e, em chinês, remetem realmente para a mesma ideia, discute-se aqui a equivalência das duas, tratando-as como uma só frase. Segundo a classificação que referi no capítulo II, trata-se de um provérbio chinês, porque esta é uma frase fixa usada pelo povo, transmitindo um ensinamento.

Em primeiro lugar, atentemos no significado da frase original. Trata-se de um ditado popular divulgado nas regiões do norte da China que, literalmente, significa 'os vendedores de leques só se podem refrescar com as mãos e os vendedores de esteiras só se podem deitar em camas feitas de tijolos'. A palavra 土炕 (*tǔkàng*) designa um tipo de cama muito usado no norte do país, geralmente feito de tijolos. No manuscrito, a tradução literal que o Padre Gonçalves deu da segunda frase é 'o que vende esteiras dorme na terra'. Ele explicou a *cama de tijolo* como *terra*, talvez porque vivesse em Macau e não conhecesse este tipo de cama usada principalmente no norte da China. Quem usa camas deste tipo precisa de as revestir com esteiras, para não se deitar diretamente nos tijolos.

Figura 3. 土炕 (tǔkàng)



Sendo uma frase dita ao longo de muitos séculos, não conseguimos rastreá-la até tempos remotos, ainda que se saiba que está registada no livro 《中国谚语大全上》 (zhōngguó yànyǔ dàquán shàng) [Coleção de adágios chineses I] (Wen, 2010: 600).

Por que não podem os vendedores de leques e esteiras usar as mercadorias que vendem? A obra 《中国谚语大全上》 (zhōngguó yànyǔ dàquán shàng) [Coleção de adágios chineses I] explica que a classe dos vendedores era muito humilde e tinha dificuldade em juntar dinheiro. Apesar de venderem aqueles produtos, os pobres não usavam essas coisas caras no seu quotidiano, em casa, servindo-lhes somente como fonte de rendimento.

Esta frase começou por ser usada para sublinhar a vida dura do povo da China antiga, já que os vendedores de leques e esteiras representam qualquer tipo de vendedores. No mesmo sentido podem listar-se frases como "vendedores de sal comem sopa insossa"¹⁰, "pedreiros moram em casas de palha"¹¹ ou "a mulher que vende óleo condicionador de cabelo penteia-se só com água"¹². Todas eram profissões comuns na China antiga. Importa explicar que o óleo condicionador perfumado era usado pelas mulheres chinesas para pentear o cabelo, daí ter surgido a profissão de vendedor(a) de óleo.

¹⁰ Tradução minha do chinês original: 卖盐的喝淡汤。

¹¹ Tradução minha do chinês original: 泥瓦匠，住草房。

¹² Tradução minha do chinês original: 卖油娘子水梳头。

Essas frases podem ainda usar-se num outro contexto, para descrever alguém que não usa as suas habilidades a seu favor. Por exemplo, dar muito mais aos outros de algo que não se tem o suficiente. Podemos encontrar essa frase no capítulo 77 de *Sonho do Pavilhão Vermelho* 《红楼梦》 (*hóng lóu mèng*):

'A mulher que vende óleo condicionador de cabelo penteia-se só com água'.
Tivemos muitas coisas dessas em casa, todas foram dadas aos outros! Agora é a nossa vez de usar este, ainda é preciso procurar isso em todos os lugares.¹³

(Cao, 1717-1763; 1978: 2330)

O Padre Gonçalves, que talvez ouvisse ou lesse o ditado, encontrou um provérbio português que usou como equivalente: *Em casa de ferreiro, espeto de pau*. Desde o século XVIII, encontra-se registado no livro *Adagios, proverbios, rifões, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes e recopilados por ordem alfabetica* (Rolland e Bluteau, 1780: 108) com a seguinte formulação provida de rima: *Em casa de ferreiro, pior apeiro*. O Padre Gonçalves conhecia certamente esse provérbio e usou-o como equivalente.

O provérbio significa que um ferreiro que trabalha tanto para fazer espetos de ferro para os outros não tem tempo para os fazer para si mesmo, usando, por isso, espetos de madeira. Em português, a expressão é empregue para descrever uma pessoa hábil em determinada coisa, mas que não usa essa habilidade a seu favor. Este significado é compatível com o segundo significado da frase chinesa, usada para descrever alguém que não usa as suas habilidades ou coisas em seu benefício.

Em conclusão, a equivalência escolhida pelo autor pode ser considerada exata. E o provérbio ainda é amplamente divulgado e usado hoje em dia, continuando a figurar nas obras lexicográficas. Regista-se ainda, por exemplo, no *Dicionário de provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas* (Simões, 2000: 124).

¹³ Tradução minha do chinês original, seguido de inglês na mesma publicação: '卖油娘子水梳头'. 自来家里有的, 给人多少!这会子轮到自己用, 反到各处寻去。"This is like a proverb: 'The pomade-vendor uses water for her own hair', Goodness knows how much we've given away, but when we need any ourselves we have to ask for help right and left!"

Quadro 2. 耳不听，心不烦 — O que ouvido não ouve, coração não sente

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 317)	熟语 (shúyǔ) original na <i>Arte China</i>	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito editado em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 431)	Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 431)	Significado dos caracteres chineses
O que o ouvido não ouve, o coração não sente, e o que o olho não vê a boca não deseja.	耳不听心不烦 眼不见嘴不馋	耳不 听, 心 不 烦 <i>lǐ pū tīng xīn pū fán</i> ouvir/não/ouvir/cor/ non/toca, não sente (<i>ěr bú tīng, xīn bú fán</i>)	O que ouvido não ouve, coração não sente.	orelhas/não /ouvir/ coração/ não/ preocupar

No manuscrito editado em *O método...* (Barros e Ng Cen, 2017: 431) o provérbio surge independente. Na *Arte China* (p. 317), este provérbio e o seguinte surgem conjuntamente, enquanto equivalentes, apresentado o primeiro alguma variação: *o que ouvido não ouve, coração não sente*. Talvez tenha considerado melhor apresentar estes provérbios conjuntamente na obra publicada porque os significados dos mesmos são aproximados.

Começamos por analisar a explicação do *Dicionário dos provérbios* (Zhang, 2015: 427), onde se pode encontrar a frase 眼不见，心不烦, que literalmente significa 'o que o olho não vê, não preocupa o coração'. A frase registada por Gonçalves é "o que a orelha não ouve, coração não sente". Ambas as versões são aceitáveis em chinês. Na explicação desta frase, no dicionário acima referido, o autor indica que 眼不见，心不烦 (o que o olho não vê, não preocupa o coração) é igual a 耳不听，心不烦 (o que a orelha não ouve, o coração não sente).

No dicionário de chinês explica-se a frase da seguinte forma:

Se não vires, não te vais preocupar. Também dizemos *o que a orelha não ouve, o coração não sente*.¹⁴

(Zhang, 2015: 427)

¹⁴ Tradução minha do chinês original: 眼不见，心不烦。指看不见，也就不跟着惦记，操心。又作“耳不听，心不烦”。

A audição e a visão são dois sentidos importantes para os seres humanos. Sem eles, não conseguimos ter acesso ao mundo real e aos sentimentos. Assim, quando não se vê e não se ouve nada sobre algo, significa que não temos contacto com esse assunto, logo, este não nos vai preocupar. Quem quer ficar longe de uma coisa deve tapar os olhos e os ouvidos – esta é uma lição aprendida pelos povos de muitos países. Em inglês, há "out of sight, out of mind".

O Padre Gonçalves escolheu uma frase que corresponde ao significado literal em chinês: *O que o ouvido não ouve, o coração não sente*. Trata-se de uma tradução literal, já que em português o habitual era *O que os olhos não vêem o coração não sente* (Santos, 2000: 239), ou *Longe da vista, longe do coração* (Santos, 2000: 174). O Padre Gonçalves traduziu assim provavelmente para mais facilmente explicar o provérbio chinês aos seus alunos. Por este motivo, ele deixou de usar o provérbio mais aceitável em português como equivalente, mas escreveu a versão mais aproximada da frase chinesa. Nesse sentido, ainda podemos dizer que é um equivalente exato. Mas devemos saber que, em português, esta frase não é usada exatamente assim enquanto provérbio.

Há equivalência perfeita quanto à tradução deste provérbio chinês, que revela um facto interessante: embora as sociedades chinesa e portuguesa sejam muito diferentes, os seus cidadãos reagiam da mesma maneira face a um assunto preocupante.

Quadro 3. 眼不见，嘴不馋 — O que o olho não vê, coração não deseja

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 317)	熟语 (shúyǔ) original na <i>Arte China</i>	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito editado em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017)	Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 432)	Significado dos caracteres chineses
O que o ouvido não ouve, o coração não sente, e o que o olho não vê a boca não deseja.	耳不听心不烦 眼不见嘴不馋	眼 不见，嘴不馋 <i>yen pu kien çoei pu chan</i> olho/não/ver/os/não/apetere (<i>yǎn bú jiàn, zuǐ bú chán</i>)	O que o olho não vê, coração não deseja.	Olhos não/ver/boca/não/desdejar

No *Dicionário de provérbios* (Zhang, 2015: 427) explica-se deste modo:

Quando não se vê comida deliciosa, não se tem tanta vontade de comer. Significa que, se não virmos coisas boas, não teremos vontade e exigências.¹⁵

O significado literal é 'quando o olho não vê, a boca não deseja', tradução igual à registada pelo Padre no impresso *Arte China*. Já na obra *O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do chinês*, não é ainda *boca* que surge, mas sim *coração*. O significado é muito semelhante a *o que o ouvido não ouve, coração não sente*, que, no entanto, dá relevo ao desejo e não ao sentimento.

É normal que um ser humano sinta o apelo de um prato apetitoso, este é um desejo primário. Mas o desejo humano não se resume à gastronomia. No contexto social, os humanos desenvolvem diversos tipos de desejo — a riqueza, o poder, entre outros. O desejo é ilimitado e está na origem da comparação com os outros, que pode conduzir à inveja e, facilmente, ao ódio, o que é prejudicial no seio da sociedade.

¹⁵ Tradução minha do chinês origina: 眼不见，嘴不馋。指眼睛没有看到好吃的东西，嘴也就不馋了。指没有看到，就不会产生欲望和要求。

Esta frase aconselha as pessoas a superarem todos os desejos que podem desenvolver numa sociedade. Como? Não lhes dando tanta atenção ou à vida dos outros. A palavra *coração*, neste contexto, permite uma tradução mais eficaz do que *boca*, uma vez que alarga o escopo dos desejos que podem ser incluídos no sentido da expressão.

Tal como os chineses, os portugueses também aprenderam esta lição. Podemos encontrar este provérbio na bibliografia já anteriormente citada, mas ele regista pouca variação em relação à tradução do Padre Gonçalves: *O que os olhos não vêem o coração não deseja/sente* (Santos, 2000: 239; Parente, 2005: 478). Na versão atual diz-se *os olhos* em vez de *o olho*. De qualquer forma, o Padre Gonçalves deu uma equivalência exata.

Quadro 4. 这山望着那山高 — A galinha do meu vizinho é mais gorda que a minha

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 432)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
A galinha do meu vizinho é mais gorda que a minha.	这山望着那山高 <i>che xan uam chau na xan cau</i> este monte olha aquele <i>altior</i> (<i>zhè shān wàngzhe nà shān gāo</i>)	Esta/montanha/ olhar/aquela/ montanha/alta

Comecemos, como habitualmente, com a explicação literal do provérbio. 这山望着那山高 (*zhèshān wàngzhe nàshān gāo*) significa que, quando se está numa montanha e se olha para outra, acha-se que a montanha para a qual se está a olhar é mais alta. Recorremos ao *Dicionário de provérbios* para identificar o significado profundo:

Esta frase descreve uma situação em que as pessoas nunca estão satisfeitas com a situação atual e as coisas que têm.¹⁶

(Zhang, 2015: 461)

¹⁶ Tradução minha do chinês original: 这山望着那山高, 比喻从不满足自己的现状。

É uma situação muito vista ainda hoje, dada a natureza humana: queremos sempre mais, competimos, nunca estamos satisfeitos com o que temos, achamos que as coisas dos outros, ou seja, as que não possuímos, são melhores. Nos tempos antigos, as pessoas conheciam esta natureza dos homens: os chineses usaram a metáfora da montanha para descrever esse fenómeno; e os portugueses usaram a galinha, versão que o Padre registou no *Arte China*: "A galinha do meu vizinho é mais gorda que a minha". Na verdade, a versão mais comum oferece rima, que talvez o padre, há tanto tempo afastado do contexto português, tenha esquecido: *A galinha da minha vizinha é mais gorda que a minha* (Santos, 2000: 27); *A galinha da vizinha é mais gorda do que a minha* (Santos, 2000: 27). O provérbio português quer dizer que a maioria dos homens nunca está satisfeita com as coisas que possui. Para ilustrar essa ideia existe ainda, em português, o provérbio *A sardinha nas mãos dos outros é sempre maior*.

A versão deste provérbio em inglês é *The grass is always greener on the other side*, isto é, "a erva do outro lado é sempre mais verde". Objetos diferentes servem para descrever uma situação transversal na sociedade de vários países, com um significado e uma lição comuns. Neste caso, não é estranho existir uma equivalência perfeita entre as línguas, porque em cada país existe um provérbio deste tipo.

Quadro 5. 随乡儿入乡儿 — Se fores a Roma, vive à romana

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 431)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Se fores a Roma, vive à romana.	随乡儿入乡儿 <i>sui hiam lh ju siam lh</i> daqui aldeia partícula entrar aldeia (<i>suí xiāng ér rù xiāng ér</i>)	Seguir/aldeia/partícula /entrar/aldeia/partícula

O terceiro e o último carater é 儿(*ér*), uma partícula muito falada no dialeto das regiões nortenhas da China, que aqui não significa nada, apenas uma característica desses dialetos, um traço do seu sotaque. O caráter foi escrito na *Arte China*, sem qualquer

explicação a acompanhá-lo, contudo, no manuscrito explica-se este carácter como 'partícula' e o som que o Padre lhe deu foi *lh*.

Este carácter corresponde ao sufixo fonológico *-er*, que se fala principalmente em algumas regiões do norte da China. É uma característica dos dialetos destas regiões (Yeh, 2016: 142). Obviamente, o Padre Gonçalves ouviu este provérbio a algum falante da região norte da China.

A combinação de significados dos caracteres que compõem o provérbio 随乡儿入乡儿, registado pelo Padre Gonçalves no seu livro, corresponde em sentido literal a "seguir a aldeia, entrar a aldeia", significando que se devem seguir os costumes dela. Alcançamos assim o significado geral dessa frase: "Entra numa aldeia, seguindo os costumes dali".

Nos outros livros do Padre Gonçalves a frase não surge com esta formulação. No *Diccionario Portuguez-China* (Gonçalves, 1831: 12) regista-se a frase 入乡随乡 *rù xiāng suí xiāng* (*entrar aldeia seguir aldeia*), com a explicação 'Acomodar aos costumes da terra'. Na mesma obra, há mais duas expressões que foram registadas conjuntamente: 随乡入乡 *suí xiāng rù xiāng* e 入乡随俗 *rù xiāng suí sú* (Gonçalves, 1831: 834) e que compartilham o mesmo equivalente: *Cada terra com seu uso*. Em português, contudo, esta frase proverbial pode surgir com uma segunda parte: *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, que, muitas vezes, não se pronuncia porque já se subentende.

Essas expressões fixas também continuam a ser usadas em chinês. Segundo a classificação que referi no capítulo II, todas são 成语 (*chéngyǔ*), porque são formulações fixas, constituídas por quatro caracteres e usadas popularmente desde há muito tempo. Podemos encontrar-las nos dicionários: 随乡入乡 *suí xiāng rù xiāng* (*Dicionário de Chengyu do chinês*, 2004: 994); 入乡随俗 *rù xiāng suí sú* (*Dicionário de Chengyu e Shuyu*, 2003: 426). Talvez o Padre ouvisse várias versões desta frase e registasse tudo, mas uma delas, a da *Arte China*, não é hoje do conhecimento geral. Ou talvez essa versão fosse a usada por falantes de Macau ou outros seus conhecidos.

O padre Joaquim escolheu um provérbio muito conhecido para servir de equivalente. Hoje, a frase mudou um pouco para "se fores a Roma, faz-te romano" (Parente, 2005: 665) ou "Em Roma, sê romano" (Santos, 2000: 127). A subtil alteração

não afeta o significado. Facilmente se percebe que o significado literal é 'viver como um romano quando se estiver em Roma', significando que é preciso seguir os costumes do lugar onde estamos.

Roma era o centro do império romano. Muitas pessoas que viviam em outras cidades queriam conhecer o que, para elas, era um sítio muito diferente e avançado. O que os romanos faziam eram moda e toda a gente o imitava. Assim, surgiu a frase.

Hoje, Roma não significa a capital de Itália, mas simboliza um lugar diferente de casa, por outras palavras, é qualquer sítio. Em cada país ou cidade há costumes diferentes que é melhor seguirmos para mostrarmos respeito. O significado mais adequado é: segue os costumes do sítio onde vives, ou faz como vives fazer.

Por fim, comparemos os significados destas duas frases:

1. "Entra numa aldeia, seguindo os costumes dali".
2. "Se fores a Roma, vive à romana" = Segue os costumes do sítio onde vives.

Constatamos que os significados são quase iguais, ou seja, o provérbio em português é bastante equivalente ao provérbio chinês.

Quadro 6. 心正不怕影儿斜 — Quem não deve não teme

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 433)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Quem não deve não teme	心正不怕 影儿 斜 <i>sīn cham pu pa iem lh hia</i> recto sombra mala (<i>xīn zhèng bù pà yǐngér xié</i>)	Coração/reto/não/recear/ sombra/oblíqua

Combinando os significados de cada carácter, obtém-se a seguinte tradução literal: "quando o coração está reto, não tem medo de ser oblíquo à sua sombra". Hoje o

provérbio apresenta mais frequentemente uma formulação com variação. Os chineses costumam dizer 身正不怕影子斜 (*shēn zhèng bù pà yǐngzi xié*), substituindo o 心 (*xīn*) *coração* por 身 (*shēn*) *corpo*. Esta frase significa que "quando o corpo está reto, não tem medo de ser oblíquo à sombra", remetendo para um fenómeno natural, ou seja, quando o corpo está direito, a sua sombra é decerto oblíqua, e isso não é preocupante.

Como referem Lakeoff e Jonhson no seu livro *Metaphors we live by*, a metáfora é cognitiva, estimula a mente (*apud* Chorost, 2014: B6-B9). Quando lemos uma metáfora, surge de imediato na mente uma imagem ou um sentimento. Neste caso a metáfora serve como uma ponte entre o sentimento e o fenómeno físico. O que indica a metáfora presente na frase analisada?

Quadro 7. Metáfora presente em 心正不怕影儿斜 — Quem não deve não teme

Reto	é	Consciente, direito
Oblíquo	é	Mau

Como o quadro mostra, o adjetivo *reto* indica não só a situação física, mas remete também para um significado moral. Na língua chinesa, as coisas oblíquas estão invariavelmente ligadas à maldade. Por exemplo, a palavra 歪风 (*wāi fēng*), com a tradução literal de *vento oblíquo*, é usada para designar 'tendências más ou doentes', metáfora que é muito aceite pelos chineses.

Posto isto, parece mais fácil entender o provérbio chinês, cujo significado deverá ser: "uma pessoa consciente não terá medo da maldade". É óbvio que também existe esse tipo de experiência em português. O padre Gonçalves optou pelo provérbio *Quem não deve não teme*, significando que aquele que cumpre as suas obrigações, não deve nada, nem prejudicou ninguém, pode viver descansado porque não tem credores ou quem lhe exija uma reparação ou indemnização. Podemos encontrar esse provérbio no *Dicionário de provérbios* (Santos, 2000: 294).

Como decorre da análise acima, a equivalência desses dois provérbios pode considerar-se perfeita.

Quadro 8. 挨金似金挨玉似玉 — Chega-te aos bons e parecerás um deles

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 434)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Chega-te aos bons e parecerás um deles.	挨金似金挨玉似玉 <i>gai xīn sì jīn gāi yù sì yù</i> <i>apropinquere oiro similis oiro gema</i> (āi jīn sì jīn āi yù sì yù)	aproximar/ouro/parecer/ouro /aproximar/jade/parecer/jade

A tradução literal deste provérbio chinês é "caso fique ao lado do ouro, parecerá ouro, e caso fique ao lado do jade, parecerá jade". Como o Padre explica, o ouro e o jade, enquanto pedras valiosas, indicam coisas boas e pessoas eminentes. Ou seja, a frase alude à influência dos amigos e daqueles com quem convivemos. Uma pessoa boa pode trazer uma boa influência. Fazer amizade com alguém importante pode não só ter influência positiva no caráter da pessoa como trazer-lhe vantagens. Isso enfatiza a importância da escolha dos amigos.

Existem várias expressões em chinês que remetem para este contexto. Um provérbio muito conhecido hoje em dia é 近朱者赤, 近墨者黑 (*jìn zhū zhě chì , jìn mò zhě hēi*) (Wen, 2010: 441), que adiciona mais uma parte para descrever a influência dos outros e significa "caso fique ao lado do cinabre, será vermelho, caso fique ao lado da tinta preta, será preto". Na cultura chinesa, o vermelho tem um significado positivo, porque essa cor traz sorte e, ao contrário, a cor preta tem uma conotação negativa.

Esse provérbio significa que o ambiente pode influenciar facilmente uma pessoa. Conviver com pessoas eminentes pode ter uma boa influência, mas passar os dias com amigos que têm maus hábitos terá influência negativa.

Como registaram Rolland e Bluteau (1780: 38), em português há provérbios como *Chega-se o bem para o bem, e o mal para quem o tem*. Hoje em dia, este provérbio

apresenta um pouco de variação em português, mas não mudou o significado: *Chega-se o ouro para o tesouro; Chega-te aos bons e serás um deles* (Santos, 2000: 83).

Quadro 9. 一言出口驷马难追 — Palavra que sai da boca é pedra que sai da mão

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 436)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Palavra que sai da boca é pedra que sai da mão	一言出口驷马难追 <i>i ien chu cau cê ma nan chui</i> uma palavra sair boca 4 cavalos <i>difícil</i> apanhar (yīyán chū kǒu, sì mǎ nán zhuī)	Palavra/sair/boca/ carruagem de quatro cavalos/difícil/apanhar

Vejamos o significado literal da frase chinesa. A combinação dos caracteres corresponde literalmente a: *Palavra (que) sai da boca, é difícil apanhá-la pela carruagem de quatro cavalos*.

O que é uma carruagem de quatro cavalos? Há muito tempo atrás, a carruagem era o principal transporte na China. Mais cavalos significavam maior velocidade, portanto a carruagem de quatro cavalos era mais rápida e, por isso, muito usada nas guerras. No provérbio, a carruagem é um símbolo de alta velocidade. Este provérbio está registado no livro 《中国谚语大全上》 (*zhōngguó yànyǔ dàquán shàng*) [Coleção de adágios chineses I] (Wen, 2010: 1215).

Quando a palavra sai da boca, nem mesmo a carruagem mais veloz pode apanhá-la, não pode ser trazida de volta à boca, ou seja, apagada, eliminada. A palavra proferida é como a água derramada, é como a pedra que sai da mão. Uma vez lançada a pedra, é difícil retirá-la, assim como quando se diz uma palavra. Há muitas frases metafóricas sobre isso. Em português diz-se que "palavra que sai da boca é pedra que sai de mão", tal como o Padre Gonçalves registou no seu livro. No século XVIII este provérbio, surge registado com alguma variação: *Palavra fora da boca, pedra fora da mão* (Rolland e Bluteau, 1780: 196). Esse provérbio também foi recenseado nos dicionários de hoje em

dia, igualmente com alguma variação. As versões atuais são *Palavra fora da boca e pedra fora da mão não voltam atrás*, *Palavra fora da boca é como pedra fora da mão* (Santos, 2000: 253).

O provérbio exorta-nos para o facto de que devemos pensar antes de falar, porque a palavra não pode "ser apanhada pela carruagem de quatro cavalos" ou retirada. Os provérbios vêm de culturas profundamente variadas, mas as conclusões e pensamentos que veiculam são bastante coincidentes.

Quadro 10. 雪中送炭 — Caiu a sopa no mel

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 447)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Caiu a sopa no mel	雪中送炭 (xuězhōng sòng tàn)	A neve/oferecer/carvão

Analisemos cada carácter ou palavra – *A neve, oferecer, carvão*. Podemos combiná-los para obter uma ideia básica que é "quando neva, dá-se carvão". Mas, a quem se dá o carvão?

Existe uma história chinesa acerca dessa expressão fixa ou 成语 (chéngyǔ). Diz-se que na dinastia Song (960-1269 d.C.), num inverno em que nevou fortemente, o imperador Tai Zong estava no quarto aquecido por uma braseira com carvão, mas, ainda assim, sentiu frio. Tendo preocupação do povo, o imperador Tai Zong chamou um oficial ao palácio e mandou este levar comida e carvão aos pobres. O povo ficou muito grato pela bondade do imperador de "oferecer o carvão à neve" para quem sofria o frio (Hu, 2011: 21).¹⁷

¹⁷ Tradução minha do chinês original: 某年冬天，天降大雪，天气十分寒冷。宋太宗在皇宫中想起了穷人的可怜，就派官员拿着粮食和木炭送给穷人。那些有困难的百姓们非常感激，都称皇上是雪中送炭！

O tempo passou e a expressão tornou-se fixa. É usada quando alguém ajuda o próximo num período de dificuldades ou quando alguém oferece aquilo que faz mais falta a outrem. No rigor do inverno, carvão era do que os pobres mais precisavam.

Em português há um idiomatismo de significado semelhante, registado na *Arte China*: "caiu a sopa no mel". Segundo a obra *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, tem o seguinte significado:

Cair como (a) sopa no mel diz-se daquilo que acontece da forma mais conveniente e no momento mais propício; chegar a propósito.

(Santos, 1990: 252)

Essa interpretação surge confirmada no *Dicionário de expressões populares portuguesas*:

Cair como sopa no mel significa chegar a propósito, aparecer no momento oportuno.

(Neves, 2000: 77)

Na coleção setecentista de *Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes e recopilados por ordem alfabética* (Rolland e Bluteau, 1780: 276) também se regista o idiomatismo: *Cahio-lhe a sopa no mel*.

A sopa é, neste contexto, cada pedacinho de pão que se embebia no leite, com mel, vinho com açúcar ou água de carne com sal, por exemplo, formando as *sopas*. O pão previamente molhado em leite, e depois adoçado com mel, fica mais saboroso. Assim, o encontro das duas coisas é muito conveniente. Para as sopas é preciso pão, para o pão, é *necessário* o mel.

Os significados são parecidos, mas possuem subtilezas resultantes de costumes e culturas muito diferentes, já que os provérbios se relacionam com as coisas mais comuns da vida quotidiana. As sopas são um prato tradicional, tipicamente português; adoçar com mel também é um costume da culinária portuguesa. Mais do que estudarmos o seu significado ou uso, os provérbios dão-nos a oportunidade de aprendermos acerca do estilo de vida dos povos que vivem longe.

Quadro 11. 龙生龙凤生凤，老鼠的儿子会打洞 — De dragão nasce dragão, e de águia, águia; nasce o rato, logo depois sabe fazer buracos (Filho de peixe sabe nadar).

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 318)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original na <i>Arte China</i>	Significado dos caracteres chineses
De dragão nasce dragão, e de águia, águia; nasce o rato, logo depois sabe fazer buracos. (Filho de peixe sabe nadar)	龙生龙凤生凤，老鼠的儿子会打洞 (<i>lóng shēng lóng fēng shēng fēng, lǎoshǔ de érzi huì dǎ dòng</i>)	dragão/nascer/dragão/ fênix/nascer/fênix/ rato/filho/sabe/fazer/buraco

Este provérbio não se regista no manuscrito editado em *O método...* (Barros e Ng Cen, 2017), mas surge na *Arte China* (Gonçalves, 1829). Na obra impressa o Padre Gonçalves apresentou um provérbio português como equivalente, mas somente depois de ter indicado a tradução literal, o que parece colocar a tónica no ensino e aprendizagem da língua, e não na necessidade de se ocupar da equivalência portuguesa do provérbio. Mas, na tradução literal, ele usou *águia* para explicar ou traduzir a palavra chinesa para 'fênix', talvez porque na cultura portuguesa não se conheça popularmente a fênix, um animal fantástico, literário, comum nas lendas chinesas.

Os dois provérbios parecem remeter para fenómenos naturais. Evidentemente, filho de dragão é também dragão, a cria da fênix nasce fênix, e as crias do rato e do peixe decerto herdam as habilidades comuns à espécie. É genético. Já nos seres humanos, e do ponto de vista da sociologia, existe a influência dos pais e das famílias. Segundo a explicação do *Dicionário de provérbios*, a frase chinesa significa algo assim:

A família tem uma forte influência no crescimento de um indivíduo.¹⁸

(Zhang, 2015: 240)

O provérbio português traduz o mesmo significado: 'filho de peixe também é peixe', herda a habilidade ou até a profissão do seu pai, devido à influência da família.

¹⁸ Tradução minha do chinês original: 龙生龙凤生凤，老鼠的儿子会打洞：指家庭环境对个人成长影响很大。

Antigamente, era normal os filhos seguirem o caminho dos pais. Muitos populares não tinham oportunidades nem meios para escolher outro caminho. Neste contexto, a família era muito importante, porque decidia até que nível um indivíduo conseguia chegar. O provérbio surge documentado no século XVIII como *filho de peixe não aprende a nadar* (Rolland e Bluteau, 1780: 211), apresentando alguma variação. Hoje em dia, podemos encontrar o provérbio nos dicionários, e ouvi-lo em uso, como *Filho de peixe sabe nadar* (Santos, 2000: 143), sendo também comum comentar-se *Quem sai aos seus não degenera*.

A equivalência entre os dois provérbios é perfeita e transmite bem o significado profundo. Podemos ver que a formação frásica e os respetivos significados são muito parecidos; somente os animais mencionados são diferentes. E isso também tem a ver com a cultura de cada país. No provérbio português, fala-se do peixe, o que faz muito sentido já que Portugal é um país costeiro. O peixe, sendo um animal que faz parte da vida dos portugueses, pode ser um símbolo dos portugueses. Isso é o que chamamos *cultura*. Sendo um país costeiro, possui a cultura do mar.

A China tem um sistema cultural diferente, portanto, na versão chinesa, os intervenientes são o dragão, a fénix e o rato, animais comuns e conhecidos dos chineses. Obviamente, eles não são escolhidos apenas por serem animais conhecidos, mas por representarem diferentes classes sociais. Na cultura chinesa, o dragão simboliza o imperador e outros homens de classe "superior". A fénix remete para a imperatriz, quer dizer, é símbolo das mulheres mais nobres. Já o rato é símbolo do povo comum, porque vive na terra, não é um animal especial do céu, como os outros dois.

Figura 4. Dragão e Fénix



Assim, além da influência da família, o provérbio indica ainda a importância da classe social. De resto, a família e a classe social estavam relacionadas, já que, na altura, as grandes famílias pertenciam às classes mais altas. O filho do imperador também é da realeza, poderá até ser imperador no futuro, mas filho de rato, ou seja, do povo, permanecerá nesta condição.

Apesar da ideia de imutabilidade de classes passada pelo provérbio, a história mostra que nem sempre é assim. Na China diz-se também 王侯将相宁有种乎 (*wánghóu jiàngxiàng nìngyǒu zhōng hū*), isto é, "como pode o nosso nascimento impedir-nos de nos tornarmos príncipes e barões, generais e ministros?". Os chineses não aceitavam passivamente as limitações sociais, sabiam que deviam lutar por uma vida melhor.

3.2.2 Apenas com tradução literal

No manuscrito em estudo e no livro *Arte China* constam expressões fixas cuja tradução não elucida quanto ao significado. Categorizamos essas expressões como "só com tradução literal". Para os leitores e estudantes que não falam chinês e desconhecem as suas raízes histórico-culturais seria muito difícil encontrar a explicação e perceber as referências históricas na origem dessas expressões. Neste sentido, apresentamos uma lista das expressões e frases fixas com as respectivas origens e histórias, com o objetivo de, por essa via, dar a conhecer a cultura e a língua chinesas.

Quadro 12. 掩耳偷铃 — Tapa os ouvidos e furta a campainha (ilusão)

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 427)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Tapa os ouvidos e furta a campainha (ilusão)	掩耳偷铃 <i>yen lh tou lim</i> (<i>yǎn ěr tōu líng</i>)	Tapar/orelhas furtar/campainha

Esta expressão fixa de quatro caracteres é um 成语 (*chéngyǔ*), de acordo com os critérios explicitados no capítulo anterior. A versão mais conhecida dos chineses é 掩耳盗铃 (*yǎn ěr dào líng*). Dentro da expressão o carácter 偷 (*tōu*) mudou-se entretanto em 盜 (*dào*). Como ambos os caracteres significam 'furtar', essa variação não afetou o significado. A expressão tem origem literária e não pode entender-se através de mera tradução. Assim, para ajudar ao entendimento, Gonçalves escreveu a palavra *ilusão* ao lado da tradução literal.

O que quer a expressão dizer realmente? Por que tapou alguém os ouvidos e furtou uma campainha? O *Dicionário de Chengyu do Chinês* 《汉语成语大词典》 (*hànyǔ*

chéngyǔ dà cídiǎn) fornece a origem desta expressão fixa.

No clássico chinês 《吕氏春秋》 (*Lǚshì chūnqiū*), registou-se uma história.¹⁹ Aconteceu há muitos anos, no período de Chunqiu, entre 722 e 481 a.C. Este período foi marcado por batalhas e anexações entre cerca de 170 pequenos Estados. O Estado de Fan foi invadido, e um indivíduo dali planeava refugiar-se noutro Estado. Ele tinha uma campainha muito grande e pesada em casa. Como era uma campainha cara, queria levá-la. Contudo, era quase impossível levar uma campainha tão pesada, assim, pensou que a podia partir e só levaria os cacos. Quando começou a parti-la, a campainha fez muito barulho. Receoso de que os outros o descobrissem, por causa do som, teve uma ideia. Tapou as suas orelhas enquanto quebrava a campainha, porque achou que ninguém ouviria o som se ele tapasse as suas próprias orelhas (*Dicionário de Chengyu do chinês*, 2004: 1223).

Figura 5. 掩耳盗铃 (*yǎn ěr dào líng*)



Claro que era inútil tapar os ouvidos; o que ele fez serviu somente para enganar-se a si próprio. Hoje em dia, a expressão fixa é usada para descrever uma situação ou uma pessoa que ignora a realidade e só se engana a si próprio. O Padre Gonçalves traduziu-a literalmente e registou-a no seu livro. Cremos que o seu equivalente poderá ser algo

¹⁹ Tradução minha do chinês original: 《吕氏春秋》: 范氏之亡也,百姓有得钟者.欲负而走,则钟大不可负;以椎毁之,钟况然有音.恐人闻之而夺己也,遽掩其耳.恶人闻之,可也;恶己自闻之,悖矣。

como *Enterrar a cabeça na areia*, ou, de forma mais completa, *Fazer como a avestruz: enterrar a cabeça na areia*. A primeira parte, *fazer como a avestruz*, já subentende a outra, pelo que qualquer delas pode ser mencionada sozinha em português. Contudo, neste caso a tónica, o foco, são colocados na pessoa que faz a ação: ou seja, ela mesma é que quer ignorar o que não está bem fora de si, fingindo não ver, tentando não ver, e pensando que, não vendo, as coisas não estarão a suceder.

Quadro 13. 梦熊得相 — Sonha em urso e fica primeiro-ministro

Frases correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 427)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Sonha em urso e fica primeiro-ministro.	梦熊得相 <i>mam sium to siam</i> (mèng xióng dé xiàng)	sonhar/urso/ter/ primeiro-ministro

Este conjunto de quatro caracteres não é uma expressão fixa, mas a alusão ao título de uma história. O conjunto dos primeiros dois caracteres é uma expressão fixa cuja tradução literal é 'sonhar com um urso' e vem da história *Sonhar com urso e ter um primeiro-ministro*. Esta é uma lenda sobre Wen Wang, o primeiro rei (naquela época, ainda não existia o conceito de 'imperador') da dinastia Xi Zhou (século XI a.C.-770 a.C). O rei Wen Wang era uma pessoa muito admirada pelo povo. Uma noite, ele sonhou com um urso voador. Na altura, o rei estava à procura de um assistente para governar o reino. Quando acordou, achou que o urso era um sinal do céu, que lhe traria sorte. Naquele dia, foi ao rio e encontrou um homem a pescar que dizia ter o cognome de *urso voador*. Wen Wang ficou muito contente, achando que o homem podia ser o seu assistente. O homem era *Jiang Shang*, alguém inteligente que se tornou primeiro-ministro da dinastia Xi Zhou (Yao, 2004: 135).

Desde então, *sonhar com um urso* tornou-se um símbolo de sorte. Depois de muitos anos, a expressão passou a encerrar o significado de 'dar à luz um filho' porque, na China antiga, as pessoas preferiam um filho do sexo masculino. As mulheres que dessem à luz um rapaz tinham melhores condições de vida. Assim, entre o povo, "sonhar com urso" também significava ter a boa sorte de ter um filho (Li, 2016: 39). Trata-se de uma expressão especial em chinês, revelando estreita relação com a cultura chinesa. Assim, é difícil encontrar uma equivalência em português. Não há expressões como *sonhar com urso* em português e, aliás, o *urso* não tem o mesmo significado simbólico em português. Segundo os *Novos Dicionários de expressões idiomáticas* (Santos, 1990: 379), *ser o urso de (gir.)* diz-se em gíria académica do melhor aluno de determinada disciplina, turma, curso. Assim, mais uma vez, o Padre Gonçalves registou essa expressão e só ofereceu a tradução literal. Talvez possamos sugerir em português algo aproximado como *Encontrar a galinha dos ovos de ouro*, ou, em sentido mais geral, *A sorte sorrir a alguém*. No caso de *Nascer de rabo (virado) para a Lua*, ou *de cu (virado) para a Lua* a tónica é posta numa sorte que vem de nascença, embora também reforce a ideia do sortudo, daquele que tem sempre sorte, que é bafejado por ela. A frase *Ter alampada na casa da meca*, registada num dicionário manuscrito do século XVIII, de autor anónimo, recentemente editado por Anabela Barros, também tem o significado aproximado de *ter sorte* (Barros, 2018: 216).

Quadro 14. 习惯成自然 — O costume é outra natureza

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 429)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
O costume é outra natureza.	习惯成自然 <i>hì cuan cham cê jen</i> costume <i>mutari</i> <i>propria natura</i> (<i>xíguàn chéng zìrán</i>)	Costume/tornar-se/natureza

A frase 习惯成自然 provém da obra *Ditados Familiares de Confúcio* (孔子家语, *kǒngzǐ jiāyǔ*). Como referi no capítulo anterior, trata-se de um provérbio, uma máxima registada numa obra clássica chinesa. A frase completa que surge na obra — "o costume formado desde pequenino pode tornar-se instinto, que o costume é outra natureza"²⁰ — foi usada por Confúcio para ensinar os seus estudantes. De acordo com o filósofo, o que se faz frequentemente torna-se um costume e, se se insistir em fazê-lo sempre da mesma forma, integra-se no instinto pessoal. Assim, o mestre exortou os estudantes a cultivarem bons costumes, como ler ou levantarem-se cedo, pois que esses hábitos se tornariam a sua natureza.

A evolução linguística fez desaparecer a primeira parte da frase, restando a segunda oração, 习惯成自然. Esta tornou-se numa frase fixa que ainda hoje é muito usada pelos chineses, especialmente na educação dos filhos. Quando educam as crianças, os pais cultivam costumes. Não se levantar tarde ou comer uma maçã por dia são bons hábitos que, se cultivados, serão mais tarde repetidos sem se pensar, porque será uma parte da vida. O costume torna-se a natureza dessa pessoa.

A palavra 习惯 (*xíguàn*) significa 'hábito' ou 'costume' em português e 自然 (*zìrán*) é 'natureza'. A tradução que Gonçalves oferece é quase literal, representando apenas o verbo 成 (*chéng*), cujo significado é 'tornar-se', pela expressão em português *ser outra*. O significado é semelhante a "o costume torna-se a natureza da pessoa". Embora a

²⁰ Tradução minha do chinês original: 少成则若性也，习惯成自然也。

tradução do padre seja literal, corresponde exatamente ao significado original de Confúcio. A tradução é boa, contudo, não se trata de um provérbio equivalente usado em português. Apesar de ser uma frase filosófica, realmente em português não identifiquei nenhum provérbio assim, apesar de ter percorrido os *Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes e recopilados por ordem alfabetica (1780)*; a *Feira dos anexins (1875)*; o *Dicionário de expressões populares portuguesas (1993)*; os *Novos Dicionários de expressões idiomáticas (1990)*; o *Dicionário de Expressões Correntes (2000)* e o *Dicionário de provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas (2000)*. O mais próximo que dele conhecemos é o provérbio *De pequenino se torce o pepino*, alertando para o facto de que se deve e pode moldar o carácter e comportamento das pessoas, desde que se comece bem cedo, na infância.

Quadro 15. 有钱使得鬼推磨 — Quem tem dinheiro manda o diabo moer

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 433)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Quem tem dinheiro manda o diabo moer	有钱使得鬼推磨 <i>ieu çien xê ti coei tuei mo</i> mandar para diabo puxar moinho (yǒu qián shǐ dé guǐ tuī mó)	Tem/dinheiro mandar/diabo/puxar/moinho

Combinando os significados de cada carácter, constatamos que o significado literal é quase igual à tradução dada pelo Padre Joaquim Gonçalves: "Quem tem dinheiro manda o diabo moer". Porquê mandar o diabo puxar um moinho? Poderão existir várias origens para esta história, em diferentes regiões. Apresentamos a versão mais aceite. Trata-se de um conto do livro 幽明录 • 新鬼 (*yōu míng lù • xīn guǐ*) [*Registo do Inverno • um fantasma novo*] que tem várias histórias sobre "diabos".

Chegados a este ponto, importa identificar as diferenças do conceito de *diabo* na China e em Portugal.

O *Dicionário Mini da Língua Portuguesa* define *diabo* do seguinte modo: "No cristianismo, supremo espírito do mal; Satanás" (Porto Editora, 2006: 174). Ou seja, na cultura cristã e ocidental, é visto como o espírito das trevas, conotado com a maldade.

Não sendo um país cristão, a China possui um sistema muito diferente de seres sobrenaturais. A cultura chinesa é influenciada pelo Taoísmo e pelo Budismo. Misturando ideias e conceitos de cada religião, o conceito chinês de *diabo* significa os 'espíritos dos mortos'. Tal como existe uma sociedade humana, existe também uma sociedade dos diabos: eles trabalham, precisam de dinheiro, tal como os vivos. Nem todos os diabos são maus; tal como existem pessoas boas e más, também há diabos bons e maus. Em resumo, o conceito de *diabo* é próximo ao conceito de *fantasma* ou *espírito*.

Na China é comum usar histórias de fantasmas para refletir os problemas sociais, evitando fazer comentários diretos sobre a sociedade. Vejamos então a situação social que se reflete neste conto:

Diz-se que um fantasma pobre e magro encontrou um fantasma gordo. O magro estava com fome e, assim, perguntou ao gordo como ganhar dinheiro para comprar comida. O fantasma gordo respondeu que podia ir ao mundo dos humanos e fazer alguma coisa para os ameaçar, acrescentando que assim lhe dariam comida em troca de paz. Movido pelo interesse e pela comida, o fantasma magro foi ao mundo dos humanos, entrou numa casa e viu um moinho. Ficou muito contente e começou a puxar o moinho. O dono da casa viu que o moinho estava a rodar sozinho e gritou: "Ai, até o fantasma sabe que sou pobre e por isso veio ajudar-me a puxar o moinho!". Infelizmente, no fim, visto que o homem também era pobre, o fantasma não recebeu a comida desejada. Mas todos passaram a saber que até um fantasma trabalhará por dinheiro ou qualquer outro interesse (Wang, Huang & Cao, 1999: 743-744). Nesse sentido, reforçando o interesse e a ganância que levam a que, para terem lucro, alguns façam seja o que for, existe em português a fala corrente *Por dinheiro, até vende(m) a mãe*, ou ...*até são capazes de vender a mãe*, e ainda o idiomatismo *Ser cego por dinheiro*.

Estes espíritos, ou almas dos mortos, não são necessariamente maus. Como o diabo é a figura mais gananciosa e ardilosa da cultura ocidental, podendo fingir-se humano e penetrar na sociedade a qualquer momento, tendo artes e ardis para tudo, faz, contudo, sentido a tradução de Gonçalves "quem tem dinheiro manda o diabo moer". O conto

reflete o contexto social, em que o dinheiro é importante. As pessoas valorizam muito o dinheiro, achando que, com ele, podem fazer tudo.

Com o desenvolvimento da sociedade, quase todos os povos conhecem a importância do dinheiro. Em Portugal também há provérbios que descrevem essa situação, como constatamos no *Livro dos Provérbios* (Parente, 2005: 162): *Com dinheiro tudo se arranja, Com dinheiro tudo se consegue, Com dinheiro na mão, em toda a parte há função*. Nos *Adagios, proverbios, rífãos, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes e recopilados por ordem alfabetica* (1780: 90), registou-se: *Quem dinheiro tiver, fará o que quizer*. Todos possuem um significado semelhante ao do provérbio chinês, contudo, o Padre Gonçalves não optou por nenhum deles como equivalente desse provérbio chinês, talvez porque a ideia chinesa era bastante eloquente ou transparente, e permitia o estudo linguístico mais de perto. Provavelmente, ele mesmo explicaria nas suas aulas essa história, bem como as dos demais provérbios e idiomatismos, aos seus alunos ocidentais. Hoje, com o seu livro, a expressão chega ainda mais longe, e mais pessoas têm oportunidade de a conhecer.

Quadro 16. 宰相肚里行下船 — O bojo do primeiro-ministro há de ser um mar

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 434)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
O bojo do primeiro-ministro há de ser um mar.	宰相肚里行下船 <i>çai siam tu li sim hia choan</i> primeiro ministro barriga <i>in</i> navegar nau (<i>zǎixiàng dùlǐ xíng xià chuán</i>)	Primeiro-ministro/ bojo/navegar/nau

Combinando o significado de cada caráter, chegamos à tradução literal "no bojo do primeiro-ministro, navega a nau". Com o desenvolvimento da língua, a frase mudou um pouco, resultando na atual versão 宰相肚里能撑船, isto é, "no bojo do primeiro-ministro, pode navegar a nau". Embora alguns caracteres tenham mudado,

manteve-se o significado. A tradução dada pelo Padre não é totalmente literal, permitindo transmitir o sentido, e daí, talvez, o facto de ele ter preferido mantê-la.

É necessário conhecer a sua origem para entender o provérbio, sobre o qual existem várias histórias. Apresentamos a versão mais aceite.

Na dinastia Bei Song (960-1127 d.C.) existiu um primeiro-ministro muito conhecido chamado Lü Duan (吕端, 935-1000), admirado pela sua honestidade e inteligência. Quando foi dispensado do cargo de primeiro-ministro, de acordo com o regulamento do governo, não pôde ficar na capital, teve de voltar à sua terra natal. No dia da sua chegada, o irmão estava a dar um banquete, havendo muita gente em sua casa. Quando o viram, todos se ajoelharam. Ele disse que já não era primeiro-ministro, portanto não precisam de se comportar assim. Ouvindo isso, os convidados mudaram de atitude, desdenhando-o. Muitos convidados abandonaram mesmo o banquete. Os familiares de Lü Duan ficaram zangados, mas o ex-primeiro-ministro não se irritou. Entretanto, chegou um funcionário do palácio com uma ordem do imperador para reabilitar o primeiro-ministro. Os convidados voltaram e começaram a louvá-lo. Lü Duan manteve-se calmo, sorriu e não disse nada aos convidados, pelo que todos o acharam muito indulgente (Liu, 2013: 60).

Em chinês, *indulgente* corresponde, por isso, a 'ter um grande bojo'. Uma pessoa com um grande bojo pode aceitar muitas coisas. Por esse motivo se dizia que Lü Duan era um primeiro-ministro com um bojo tão grande como o mar, onde era possível fazer navegar uma nau. Surgiu assim a frase "no bojo do primeiro-ministro navega a nau" para descrever uma pessoa indulgente e tolerante. Em português, *bojo* significa 'seio de mulher'; 'barriga de grande capacidade'; e também 'coragem'; 'paciência' (Simões, 2000: 125). No dicionário inédito da língua portuguesa, do século XVIII, editado por Anabela Barros regista-se o idiomatismo *Tem grande bojo* e define-se *bojo* do seguinte modo: 'Este nome costumão dar a o que he prudente, maduro, e silenciozo, que ouve, vé, e calla' (Barros, 2018: 244). Podemos ver que, em português, *bojo* não tem o significado exato de *tolerante*, como em chinês, mas também há idiomatismos que têm significados próximos, como *Ter o/um coração grande*, *Ser um santo* ou até *Ter paciência de Jó/Job*. O primeiro diz-se de pessoa magnânima, generosa (Santos, 1990: 122). Na *Feira dos anexins* também surge uma frase aproximada, em contexto de diálogo: "Eu é que tenho grande

coração, dizem o que quiserem" (Melo, 1875: 48). Creio que o mais adequado em português, remetendo para o universo católico da tolerância, perdão, compreensão e amor ao próximo, é *Ser um santo*.

O Padre Gonçalves não escolheu, contudo, nenhum idiomatismo português como equivalente, preferindo apresentar a tradução literal e, provavelmente, ensinando e explicando aos alunos a origem desta frase de acordo com a cultura e a literatura chinesas.

Quadro 17. 三人同行必有我师 — De três que vão juntos decerto que alguém me excede

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 435)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
De três que vão juntos decerto que alguém me excede.	三人同行必有我师 <i>san jen tum him pi ieu uo xê</i> <i>simul actio obrar certe meu mestre</i> (<i>sānrén tóngxíng bì yǒu wǒshī</i>)	Três/pessoas/andar juntos/certamente/haver/meu/mestre

Como se vê, o Padre deu à expressão o seu significado literal, o que não explica claramente o provérbio. O que quer a frase realmente dizer? Para responder, é preciso conhecer a sua origem, que surge nos *Analectos de Confúcio*, entre os ensinamentos dirigidos aos seus alunos.

O provérbio não quer dizer que exista um mestre em cada três pessoas já que, em chinês, o número *três* nem sempre se refere a um número exato, indicando o conceito de 'muito'. Então, "três pessoas" de facto significa muitas pessoas, podendo traduzir-se como "entre o povo". Quanto à palavra *mestre*, embora o significado literal corresponda a 'professor', aqui realmente refere, de um modo geral, alguém com talento. Este provérbio está recenseado no livro 《中国谚语大全上》(*zhōngguó yànyǔ dàquán shàng*) [*Coleção de adágios chineses I*] (Wen, 2010: 832).

Então, a frase significa que 'há sempre algo positivo que posso aprender com os outros'. Confúcio pretendeu, com a expressão, ensinar o valor da modéstia e reforçar a importância de se aprender com os outros. Em português, uma máxima bastante repetida e que tem algo a ver com o conteúdo desta exortação é *Estamos sempre a aprender* ou *A crescer e a aprender*, traduzindo a ideia de que, à nossa volta, muitos nos podem ensinar algo, a todo o momento, e que é precisa humildade e recetividade para o aproveitar, respeitando os outros como fontes de aprendizagem e de conhecimento. Próximas dessa ideia encontram-se ainda *Aprende-se até morrer e morre-se sem aprender*, ou *Aprender até morrer* (Santos, 2000: 56).

No mesmo sentido, embora com sentido mais restrito, existe em português a máxima *Dois olhos vêem mais do que um só* (Parente, 2005: 220), semelhante a *Duas cabeças pensam melhor do que uma*.

Quadro 18. 从小看大三岁至老 — Pelo pequeno tirarás o grande ; quando velho será o que era de três anos

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 439)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Pelo pequeno tirarás o grande; quando velho será o que era de três anos.	从小看大三岁至老 (cóng xiǎo kàn dà sānsuì zhì lǎo)	Desde/pequeno/ver/ grande /três anos/ até/velho

Esse ditado popular é uma conclusão da experiência existencial. É difícil entender o seu significado só pela tradução, e mesmo dar uma tradução literal é igualmente difícil. Assim, o autor de *Arte China* só incluiu algumas explicações das palavras.

Os significados dos caracteres resultam na frase "desde pequeno, podemos ver grande, e três anos até velho". Não parece fazer muito sentido. A tradução do Padre Gonçalves — "pelo pequeno tirarás o grande; quando velho será o que era de três anos" — também não é fácil a entender. Então, como se explica este provérbio?

Pequeno e grande referem-se à idade, *jovem e velho*, respetivamente. Se assim for, a frase torna-se mais clara. Os chineses descobriram uma maneira de analisar as características dos humanos: observando os comportamentos e as características de uma criança, podemos saber como será essa pessoa no futuro. Observar as características de uma criança de três anos é suficiente para predizer como será a sua vida futura. Este provérbio está registado no livro 《中国谚语大全上》 (*zhōngguó yànyǔ dàquán shàng*) [Colecção de adágios chineses I] (Wen, 2010: 154).

Esta estratégia parece razoável, porque os comportamentos e as características da criança são importantes para o seu desenvolvimento enquanto pessoa. Os primeiros anos são aqueles em que o indivíduo cria a visão sobre o mundo. As crianças são inocentes, não fingem nada. Elas fazem as coisas de acordo com a sua natureza, assim, a observação dos comportamentos permite tirar conclusões certas sobre quem e como virão a ser.

Em português podemos encontrar um provérbio do significado aproximado, sem, contudo, ser um equivalente perfeito: *Dos meninos se fazem os homens* (Parente, 2005: 222). A frase oitocentista de Gonçalves significa, apesar de tudo, isso mesmo: podemos *tirar* o mais velho do mais novo, ou seja, ao ver a criança e o seu comportamento já podemos inferir como será em adulta.

Quadro 19. 得陇望蜀 — Chegando a Lem (lugar) quer chegar a Xu

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 447)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Chegando a Lem (lugar) quer chegar a Xu.	得陇望蜀 (<i>dé lǒng wàng shǔ</i>)	ter/Lem (lugar)/ querer /Xu (lugar)

Este é um 成语 (*chéngyǔ*) bem conhecido em chinês. Analisando os caracteres, sabemos que o significado é "ter Lem e querer Xu", duas cidades da China antiga. A tradução literal não permite o entendimento cabal. Assim, é preciso estudar a história por

detrás. Diz-se que, no período de Dong Han (25-220), havia um rei chamado Liu Xiu²¹. Duas pessoas que estavam contra o seu governo ocuparam duas regiões — Lem e Xu — e autointitularam-se reis. Liu Xiu liderou uma investida militar contra eles. Começaram por sitiar Lem, mas, após alguns dias de impasse, o rei deixou um general à frente da batalha, regressando à capital para tratar dos assuntos do governo. O rei deixou uma carta ao general dizendo que, se reconquistasse Lem, tinha de se dirigir para Xu para a tentar reconquistar também. Isto revelou a ambição do rei, que não se contentava em ocupar apenas um desses territórios. Surgiu então a expressão "embora tenha Lem, também quer ocupar Xu"²² (*Dicionário de Chengyu Chineses*, 2004: 219).

Se, no início, a expressão significava 'ser-se ambicioso', com o tempo registou uma mudança e passou a estar associada à cobiça, com uma conotação negativa. Agora, essa expressão é usada como alusão a alguém cobiçoso ou que quer tudo. O Padre Gonçalves manteve os nomes dos dois lugares na sua tradução, oferecendo assim a tradução literal, embora com topónimos que nada dizem a um falante de português

Nesta língua seria algo como *Quanto mais tem mais quer; Quanto mais temos, mais desejamos* (Parente, 2005: 566), para a ideia geral de 'nunca se dar por satisfeito', 'nunca estar contente', *Querer a Lua; Querer tudo e mais alguma coisa*. De aplicação mais específica, existe ainda *Ao avarento tanto lhe falta o que tem como o que não tem* (Santos, 2000: 52) e ainda *Dar o pé e tomar (logo) a mão* (Parente, 2005: 185).

²¹ 刘秀 (Liu Xiu), Kuang-wu ti ou Guangwudi (5 a.C.- 57 d.C.) foi o imperador chinês que restaurou a dinastia Han após o interlúdio da dinastia Xin (9-25 d. C.).

²² Tradução minha do chinês original: 东汉初年, 有二人造反并自立为王。刘光汉武帝刘秀亲自带兵去收复被占领的陇和蜀两地。途中, 刘秀先行返回, 在给岑彭的信中说: 两城若下, 便可将兵南击蜀虏。人苦不知足, 既平陇, 复望蜀。

Quadro 20. 无事不登三宝殿 — O ocioso não vai ao templo

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 316)	熟语 (shúyǔ) original na <i>Arte China</i>	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito editado em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017)	Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 451)	Significado dos caracteres chineses
Ocioso não vás ao tribunal e só quando tiveres dinheiro, irás à taverna	无事不登三宝殿，有钱方到杏花村	无事不登三宝殿 (<i>wúshì bùdēng sānbǎodiàn</i>)	O ocioso não vai ao templo	Não ter/assunto/não/ir/templo

Como se pode observar, na *Arte China* este provérbio foi publicado com ligeira variação, *Ocioso não vás ao tribunal e só quando tiveres dinheiro, irás à taverna*, e acompanhado de outro provérbio na mesma sequência frástica: 有钱方到杏花村 (*yǒu qián fāng dào xìng huā cūn*) — ou seja, 'quem tem dinheiro é que pode ir para a taverna' —, embora não se vislumbre que relação pretendia estabelecer-se entre eles. Ao que tudo indica, era apenas uma forma rápida e económica de ir alinhando no livro, e no manuscrito, os provérbios e idiomatismos — tal como as perguntas e respostas nas secções de diálogos, podendo surgir nas mesmas linhas e unidos por *e*, ou simplesmente seguidos.

O conteúdo de *O ocioso não vai ao templo* está relacionado, muito provavelmente, com os templos budistas. A tradução literal é "não tem assuntos, não vai ao templo". Os últimos três caracteres 三宝殿 (*sānbǎodiàn*) significam 'os três pavilhões mais importantes de um templo', que podemos entender simplesmente como 'templo'. Já 无事 (*wúshì*) literalmente significa 'não ter assunto' ou 'não ter assunto especial', remetendo para a ideia de 'não precisar de ajuda', pelo que não aparenta estar bem traduzido como *o ocioso*.

Para entender a frase, atentemos em algumas ideias básicas do Budismo. Na China antiga, houve alguns períodos em que o Budismo ocupou um lugar significativo na sociedade, altura em que se criaram muitos templos em todo o país. Muitos iam ao

templo rezar e admirar os Budas, o que não se limitava a uma iniciativa religiosa, sendo um tipo de atividade social. Por exemplo, para as meninas que não podiam sair de casa, uma ida ao templo era uma maneira de contactar com o mundo exterior.

De uma maneira geral, os crentes budistas vão ao templo mostrar a sua devoção a Buda, fazendo pedidos junto às suas estátuas. Porém, o povo crê que o Buda só ajuda as pessoas boas e sinceras. Como é que mostram a sua sinceridade? Indo mais vezes ao templo e rezando com forte sentimento. As pessoas que só vão ao templo quando precisam de pedir ajuda são vistas como pouco sinceras. Então, surgiu este provérbio, que pode encontrar-se no livro 《中国谚语大全上》(*zhōngguó yànyǔ dàquán shàng*) [Coleção de adágios chineses I] (Wen, 2010: 1046).

Hoje em dia, a frase também é usada para descrever a relação entre as pessoas. Se temos um "amigo" que nunca nos contacta e quando aparece é simplesmente para pedir ajuda ou dinheiro emprestado, pode dizer-se *Não tem assunto, não vai ao templo*. Como o provérbio possui origem religiosa, é difícil encontrar uma equivalência perfeita em português, mas será algo como *Só se lembra de Santa Bárbara quando troveja* (Parente, 2005: 685), ou *Só se lembra de Santa Bárbara quando toa*. O Padre, contudo, traduziu apenas literalmente o provérbio.

3.2.3 Com explicação

Tanto a obra impressa como o manuscrito incluem frases e expressões em português que, embora não sejam equivalentes corretos da expressão em chinês, servem de explicação para ajudar ao entendimento. Para investigar bem o respetivo significado, importa considerar as histórias e a origem, o que também facilita o estudo da cultura chinesa, bem como da portuguesa. Os exemplos seguintes tipificam essa categoria.

Quadro 21. 对驴抚琴 — Tocar viola a um burro (a quem não entende da matéria)

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 308)	熟语 (shúyǔ) original na <i>Arte China</i>	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito editado em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017)	Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 427)	Significado dos caracteres chineses
Tocar viola a um burro (a quem não entende da matéria)	对驴抚琴	对驴抚琴 <i>toei lu fu chim</i> (<i>duì lǘ fǔ qín</i>)	Tocar viola a um burro	Para/burro/ tocar/ instrumento musical

Esta expressão fixa de quatro caracteres é um 成语 (*chéngyǔ*) muito conhecido na China, embora hoje a versão mais aceite recorra a um animal diferente: 对牛弹琴 (*duì niú tán qín*, tocar instrumento musical a um boi). Talvez na região houvesse/haja uma versão diferente, por causa da influência do cantonês ou de outras línguas em presença, já que o Padre Gonçalves registou "tocar viola a um burro". Contudo, isso não muda o significado verdadeiro da expressão, ainda que a história original mencione o boi. Como a tradução literal não é suficiente para o entendimento desta expressão fixa, Gonçalves explicou *burro* como *quem não entende da matéria*, ou seja, em português esse ser pouco entendido, ignorante, costuma ser o *burro*. No seu manuscrito não há essa explicação, que ele terá adicionado na *Arte China* para a publicação do seu método de ensino e

aprendizagem. Provavelmente notou que a palavra *burro* era um ponto importante para o entendimento, quando ensinava esta expressão fixa, pois para quem não fosse falante nativo de português o significado desse substantivo e adjetivo (*burro; pessoa burra*) poderia não ser transparente.

Vale a pena abordar aqui também a questão do instrumento musical usado no provérbio. O instrumento musical que se refere aqui é 古琴 (*gǔ qín*), um instrumento musical de cordas, que não se toca com arco mas com os dedos, sendo, nesse ponto, parecido com a viola (Figura 6).

Figura 6. 古琴 (*gǔ qín*)



Quanto à origem dessa expressão fixa, trata-se de uma história localizável no *Texto e teoria de Master Mou* (牟子理惑论, *Mouzi lihuolun*) sobre um homem chamado Gongming Yi. Um dia, ele tocou uma canção muito linda a um boi. Mas o boi parecia não ouvir, continuando a comer. Gongming Yi tentou outra canção, parecida com o som de moscas, e, desta vez, o boi parou de comer e ouviu o som com atenção. O facto de Mou Rong contar esta história aos alunos significa que nem todos percebiam as suas ideias, sendo necessário escolher um alvo adequado. É óbvio que o boi não é público adequado para uma bela canção (*Dicionário de Chengyu Chineses*, 2004: 252).

A expressão significa 'falar com alguém que não pode entender ou não quer ouvir'.

Em português, há muitos provérbios e idiomatismos que seriam bons equivalentes desse 成语 (*chéngyǔ*). No livro intitulado *Feira dos anexins* (Melo, 1875: 97), regista-se a frase idiomática *Falar com ele é falar com uma pedra*. E podemos encontrar outros

idiomatismos de significado similar, como *Falar para as paredes*; *Falar para o boneco* (Simões, 1993: 190), ou *Pregar aos peixes* (Neves, 2000: 357). O desperdício de certos conteúdos quando o ouvinte ou interlocutor não é o adequado também surge em português no idiomatismo *Deitar/dar pérolas a porcos* (Simões, 1993: 135). O Padre Gonçalves não escolheu nenhum deles para servir de equivalente, oferecendo antes a tradução literal. Talvez ele tomasse o seu tempo até se ir lembrando delas e as ir registando nos seus trabalhos, ou quiçá quisesse explicar a origem desta expressão aos alunos, e por este motivo mantivesse o significado literal, acrescentando depois os provérbios e idiomatismos do português em cada aula, até mesmo por haver várias possibilidades — e talvez nenhuma que lhe agradasse especialmente como equivalente exato e tão expressivo como o chinês.

Quadro 22. 望梅止渴 — Olhando para as ameixas estanca-se a sede (espera em vão)

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 308)	熟语 (shúyǔ) original na <i>Arte China</i>	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito editado em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017)	Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 428)	Significado dos caracteres chineses
Olhando para as ameixas estanca-se a sede. (Espera em vão)	望梅止渴	望 梅 止 渴 <i>uam mei tgê cô</i> (wàng méi zhǐ kě)	Olhando para as ameixas estanca-se a sede.	Olhar/ ameixa parar/sede

A tradução do Padre Gonçalves corresponde ao significado de cada carácter da expressão fixa. Contudo, quando se lê a frase "Olhando para as ameixas estanca-se a sede", surgem muitas dúvidas.

Vejamos a história registada no 《汉语成语大词典》(*hànyǔ chéngyǔ dà cídiǎn* [Dicionário de Chengyu Chineses], 2004: 1077):

No fim da dinastia DongHan (25-220 a.C.), Cáo Cǎo²³ liderou um grupo militar que marchava. Os soldados estavam muito cansados, com sede, não queriam continuar. O líder Cáo Cǎo ficou muito ansioso e, de repente, teve uma boa ideia. Ele disse aos soldados: "Olhem! Ali à frente há muitas ameixoeiras. As ameixas são grandes e deliciosas, podemos ir até lá para matarmos a sede"! Assim, com a ajuda da imaginação das ameixas, os soldados seguiram em frente com muito entusiasmo.²⁴

Como se vê, significa usar a imaginação para consolar e instigar alguém, normalmente a si próprio, quando não se consegue o que se quer. O significado mais adequado é "auto-conforto". Dependendo do contexto, a expressão pode ser positiva ou negativa; podemos dizer que é neutra. Quando analisamos o seu significado, impõe-se analisar o contexto da frase ou o diálogo em que surge.

No manuscrito editado em *O Método...* (Barros e Ng Cen, 2017: 428), o padre deu-lhe o significado literal, insuficiente para entender a expressão fixa. E assim, ele deu a explicação "esperar em vão" na *Arte China*, que nos aproxima de frases como *deixar-se enganar*, *enganar-se a si mesmo*, ou, em discurso direto, *engana-me que eu gosto*, fazendo apenas referência a um contexto negativo. Em sentido positivo, será algo como *alimentar-se de sonhos*, *viver de sonhos*, *viver de ilusões*.

Quadro 23. 人心不足蛇吞相 — Porque o homem é insaciável, devorou a serpente o Ministro

Frase correspondente em português no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 433)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Porque o homem é insaciável, devorou a serpente o Ministro.	人心不足蛇吞相 (rénxīn bùzú shé tūn xiàng)	coração/não suficiente/serpente/engolir/o ministro

²³ 曹操 Cáo Cǎo (155 - 220 (65 anos) foi um chefe militar regional e o penúltimo Chanceler da dinastia Han Oriental, tendo adquirido grande poder durante os seus últimos anos.

²⁴ Tradução minha do chinês original: 魏武行役, 失汲道, 军皆渴, 乃令曰: '前有大梅林, 饶子, 甘酸可以解渴。' 士卒闻之, 口皆出水, 乘此得及前源。

Trata-se de um ditado popular na China que o autor deve ter escutado, já que explica bem o significado na tradução. Sabemos que a frase serve para descrever alguém insaciável. Mas, o que tem isso a ver com a serpente e o Ministro? Parece existir uma história por detrás.

Não se sabe a origem exata desta frase, não é possível dizer onde e quando surgiu; o povo diz que está relacionada com uma lenda antiga. Diz-se que, antigamente, havia um homem chamado *Xiang*. O seu pai salvou uma vez uma serpente e criou-a. Quando a serpente cresceu, eles libertaram a serpente numa montanha. Um dia, uma pessoa rica da aldeia publicou um anúncio dizendo que a filha estava doente e precisava do fígado de uma serpente. Quem trouxesse tal remédio podia casar-se com ela e herdar toda a sua riqueza. Xiang leu o anúncio e pensou que era uma boa oportunidade de se tornar rico. Assim, foi à montanha onde vivia a serpente e disse-lhe que queria o fígado dela. O pai dele tinha-lhe salvo a vida, logo era razoável pedir-lhe o fígado. A serpente, apesar de saber que isso prejudicaria a sua saúde, concordou com a exigência. Muito contente, Xiang retirou o fígado da serpente, levando-o a casa do homem rico. Depois de a menina ter comido o fígado, ficou melhor de saúde, e então Xiang casou-se com ela e tornou-se muito rico. O tempo passou. Certa vez, o imperador ficou doente. A corte publicou um anúncio que informava da necessidade de se encontrarem olhos de serpente para tratar o imperador. Quem os trouxesse seria primeiro-ministro do país. Xiang, uma pessoa rica mas ambiciosa, novamente pensou na serpente que tinha sido salva pelo seu pai; foi à montanha mais uma vez, e pediu à serpente os olhos. Face a estas exigências exageradas, a serpente ficou zangada e comeu Xiang (Wang, 1989: 449).

A frase serve como um apólogo para se evitar a cobiça desmedida. Demasiada ambição não pode ter bom resultado. Uma vez que a pronúncia da palavra que significa 'ministro' em chinês é semelhante a *Xiang*, há duas versões amplamente difundidas desta frase. Uma é a que o Padre Gonçalves registou no livro, com o último carácter de *ministro*, enquanto a outra usa o carácter 象 (*xiang*, 'elefante') (Wen, 2010: 1934). Uma significa que a serpente devorou o ministro e a outra que a serpente engoliu um elefante. A tradução literal não é, contudo, suficiente para a compreensão deste idiomatismo. Assim, o Padre Gonçalves traduziu-o e também ofereceu a explicação, referindo que o provérbio tem a ver com o *homem insaciável*. O significado é aproximado de *Chegando a Lem*

(lugar) *quer chegar a Xu*, então os seguintes provérbios também podem se servir como equivalente: *Dar o pé e tomar (logo) a mão*; *Quanto mais tem mais quer*; *Quanto mais temos, mais desejamos*; ou ainda, de aplicação mais restrita, *Ao avaro tanto lhe falta o que tem como o que não tem*. Mas as fontes destas duas frases são diferentes, e talvez por isso o Padre não as tenha escolhido como equivalentes. Por outro lado, ele podia sempre indicar as fontes e as histórias aos alunos na aula.

Quadro 24. 瓜田不纳履, 李下不整冠 — No meloal não pegues nos socos, nem debaixo do abrunheiro componhas o barrete (evita suspeita)

Frase correspondente na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 2017: 321)	熟语 (shúyǔ) original na <i>Arte China</i>	Significado dos caracteres chineses
No meloal não pegues nos socos, nem debaixo do abrunheiro componhas o barrete (evita suspeita)	瓜田不纳履, 李下不整冠 (guātián bù nà lǚ, lǐ xià bù zhěng guān)	Meloal/não/pegar/sapato/abrunheiro/debaixo de/não/compor/barrete

Este provérbio não se regista no manuscrito editado em *O Método...* (Barros & Ng Cen, 2017). Gonçalves adicionou-o depois na *Arte China*, a obra publicada, e explicou-o como "evita suspeita", que corresponde ao significado verdadeiro da frase original. Mas a tradução literal não é suficiente para explicar a frase: "No meloal não pegues nos socos, nem debaixo do abrunheiro componhas o barrete". Por que achavam os chineses que não se devia fazer isso? Analisemos a sua origem.

A frase surge num poema de Cao Zhi (192-232), um poeta conhecido do período dos Três Reinos (220-280), filho de um dos reis. Ele possuía grande talento literário, escrevia muitos poemas populares. Um deles é 《君子行》(jūn zǐ xíng) ou *Comportamento do gentil-homem*. No poema listam-se os comportamentos que um gentil-homem deve ter. O segundo verso é precisamente "no meloal não pegues nos socos, nem debaixo do abrunheiro componhas o barrete". As primeiras quatro frases do poema dizem que as pessoas devem ter cuidado com os seus comportamentos, evitando suspeitas:

O homem de virtude deve prevenir o surgimento da suspeita,

Não fique em ambiente que cause suspeita.

No meloal não pegue nos socos,

*Nem debaixo do abrunheiro companha o barrete.*²⁵

(Zhao, 1985: 501)

Lendo o conjunto, facilmente se entende a ligação entre eles; os dois primeiros versos introduzem a ideia, e os versos seguintes servem como exemplos, indicando quais os comportamentos que podem causar suspeitas. Os melões crescem na terra, imaginemos que alguém se baixa para pegar nos socos — calçado grosseiro, arredondado, de pele e madeira claras —; se calhar os outros vão achar que está a roubar melões. Posto isto, é melhor não pegar nos socos no meloal. Pelo mesmo motivo, é melhor não compor o barrete debaixo do abrunheiro, para não se pensar que se está a roubar abrunhos do ar.

Claro que esses só são exemplos, e não quer dizer que os comportamentos descritos são proibidos. A ideia principal é que devemos evitar comportamentos que possam causar suspeitas. Cada um deve acautelar o seu próprio comportamento, fazendo o seu melhor — essa é uma virtude de um gentil-homem.

A fama de Cao Zhi ajudou o poema e a frase a popularizarem-se entre o povo. Com a evolução linguística, surgiu a versão mais curta 瓜田李下 (*guā tián lǐ xià*, no meloal e debaixo do abrunheiro) para indicar a *suspeita*.

Como a tradução literal não é suficiente para o entendimento, o Padre Gonçalves apresentou a explicação na obra, para os leitores conhecerem o seu verdadeiro significado: não dar azo a suspeitas. Esse é também o sentido de um idiomatismo português bastante enigmático para estrangeiros, de sentido afim mas contexto mais específico ou restrito: *Por causa das moscas* — Para evitar comentários ou suspeitas (Santos, 1990: 339).

²⁵ Tradução minha do chinês original: 君子防未然，不处嫌疑间。瓜田不纳履，李下不正冠。

3.2.4 Com equivalente diferente do sentido conhecido

Quadro 25. 指着桑树骂槐树 — Põe o ramo em uma parte e vende o vinho noutra

Frase correspondente em português, em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 433)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Põe o ramo em uma parte e vende o vinho noutra.	指着桑树骂槐树 <i>chê chau sam xu ma txu xu</i> apontar amoreira <i>maledicere</i> árvore árvore de outra espécie (<i>zhǐzhe sāngshù mà huáishù</i>)	apontar/amoreira/ maldizer /acácia

Este provérbio é muito usado e conhecido na China. O significado não tem muito a ver com a tradução literal, o que dificulta o entendimento da frase. O provérbio português escolhido pelo autor como equivalência não está totalmente errado, mas não se adequa perfeitamente ao significado do provérbio chinês. Os significados são, de alguma maneira, parecidos, mas usam-se em ocasiões diferentes.

Analisemos cada caráter. O significado literal é "apontar a amoreira, mas maldizer a acácia". No manuscrito editado em *O método...* (Barros e Ng Cen, 1829: 433), Gonçalves traduziu *acácia* como *árvore de outra espécie*; talvez ele não conhecesse esse tipo de árvore ou não se lembrasse da palavra exata. Embora se mencionem dois tipos de árvores, com efeito, a frase não tem a ver com plantas. A amoreira e a acácia podem ser trocadas por qualquer coisa. É o mesmo que "apontar A, mas maldizer B".

No livro *Sonho do Pavilhão Vermelho* 《红楼梦》 (*hóng lóu mèng*) usa-se a frase na seguinte situação:

Com qual das aias da sua casa pode dar-se facilmente? Caso faça um pequeno erro, elas vão humilhá-lo. Se fizer um erro um pouco maior, vão maldizê-lo pelo estratagema de "apontar a amoreira, mas maldizer a acácia".²⁶

(Cao, 1716-1763; 1978: 404)

Hoje, o provérbio é mais curto, tendo-se transformado num 成语 (*chéngyǔ*). A versão atual é 指桑骂槐 (apontar a amoreira, mas maldizer a acácia), porém, o significado não mudou. Em conclusão, este provérbio quer dizer "maldizer A para apontar os erros de B". Isto é, criticar indiretamente.

Em que situação se utiliza o provérbio português dado pelo Padre?

Atentemos primeiro no significado dele. O provérbio "põe o ramo em uma parte e vende o vinho noutra" tem a ver com as uvas e o vinho, significando que se atribui a uma pessoa um ato cometido por outra. Outro semelhante seria *Uns têm a fama e outros o proveito*. Antigamente em Portugal havia o costume de se pendurar um ramo de videira à porta das tabernas, para simbolizar a venda do vinho por alusão a uvas deliciosas. Contudo, não se vendia vinho no lugar assinalado com o ramo, mas sim noutro. A palavra-chave deste provérbio também é "fingir", mas o uso é totalmente diferente. Hoje o provérbio regista-se com variação: *Num sítio se põe o ramo e noutro se vende o (bom) vinho* (Parente, 2005: 429). O provérbio português usa-se numa situação em que alguém é louvado pelo ato cometido por outrem. Já o provérbio chinês indica a situação de criticar outra coisa que não o objeto da crítica que se pretende fazer. Algo como *Criticar um para conseguir atingir outro; dar uma indireta*.

²⁶ Tradução minha do chinês original, seguido de inglês na mesma publicação: 咱们家所有的这些管家奶奶, 那一个是好缠的? 错一点儿他们就笑话打趣, 偏一点儿他们就指桑骂槐的抱怨。"And you know how difficult our old stewardesses are, laghing at the least mistake and 'accusing the elm while pointing at the mulberry tree' if one shows the least bias."

Quadro 26. 打狗也要看主人— Quem me ama, ama meu cão

Frase correspondente em português, em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 429)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Quem me ama, ama meu cão.	打狗也要看主人 <i>ta cau can chu jen</i> bater cão <i>respicere</i> senhor (<i>dǎ gǒu yěyào kàn zhǔrén</i>)	bater/cão/também/dever/ ver /dono

No livro *Arte China*, o Padre registou os dois provérbios como um par equivalente. Entendemos, no entanto, que a equivalência não está correta, ou seja, os provérbios têm significados diferentes.

Em primeiro lugar, vejamos o provérbio *quem me ama, ama meu cão*, conhecido dos portugueses. O cão no Ocidente é visto como um amigo. Este provérbio mostra a relação íntima entre o dono e o seu cão, que é tratado com um membro da família. Quem me ama, ama todas as coisas minhas e sobre mim, inclusive o meu cão. O provérbio destaca o amor, a relação íntima entre o dono e o seu animal de estimação.

E no caso do provérbio chinês? Os significados literais dos caracteres resultam em "Antes de bater num cão, vê o dono". O verbo *ver* é muito importante para o entendimento da frase. O que é que as pessoas veem? A aparência do dono? A sua idade? O que precisam de ver é o contexto, o estatuto social dessa pessoa. É necessário saber se ele é rico, ou se tem um cargo no governo. *Ver* aqui é de facto *investigar*. Na antiguidade, havia grande distância entre as pessoas de diferentes níveis sociais, quem tinha poder podia fazer qualquer coisa por um cidadão comum. Então, o povo não se atrevia a bater no cão dos cidadãos ricos e influentes. Este provérbio está registado no livro 《中国谚语大全上》(*zhōng guó yàn yǔ dà quán shàng*) [*Coleção de adágios chineses I*] (Wen, 2010: 159).

Por outro lado, ao contrário do que sucede na cultura portuguesa, em que o cão significa a fidelidade, um amigo, uma companhia leal, na cultura chinesa o cão tem uma imagem negativa, pelo que este termo não se refere só ao animal, mas também a alguém

incompetente. Os chineses sabem que é melhor não lutar com um "zé-ninguém" porque, embora incompetente, talvez ele tenha um "dono" com grande poder. Assim, o provérbio apresenta um facto social. Trata-se de uma advertência, resultado de uma aprendizagem prática e secular, para o facto de que devemos ponderar com quem vamos meter-nos. Em português poderia traduzir-se pela frase comum *Vê lá com quem é que te vais meter!*

Analisando os dois provérbios, concluímos que os significados são bastante divergentes. O provérbio chinês significa "se quiser questionar a competência dos outros, é melhor investigar e considerar primeiro o poder do *dono* deles, ou de quem os protege". Contudo, o provérbio português dá ênfase ao amor que, sendo forte, permite amar todas as coisas de alguém. Com efeito, há uma outra expressão fixa em chinês semelhante a "quem me ama, ama o meu cão". Trata-se do 成语 (*chéngyǔ*) 爱屋及乌 (*ài wū jí wū*), cuja tradução literal é "quem ama a minha casa, ama o corvo" (*Dicionário de Chengyu Chineses*, 2004: 7). O corvo na China é símbolo de azar, porque se trata de um pássaro necrófago. Então, se uma pessoa ama a minha casa, ama até mesmo o corvo que mora no meu telhado, o que significa que me ama muito. O significado dessa expressão é semelhante ao do provérbio português, mas não é totalmente igual, porque as imagens de "cão" e do "corvo" são distintas.

Em português existe um provérbio de sugestão inversa quanto à ordem dos objetos de estima, sendo o primeiro deles alguém mais próximo do que o cão: *Quem o meu filho ama, minha boca adoça*; ou seja, gostar dos filhos de alguém, tratá-los bem, já é um modo de tratar bem dos respetivos pais, de manifestar afeto por eles, ou por algum deles.

Não sendo bem equivalente, e igualmente de formulação inversa, pela negativa, o seu significado é também aproximado do de *Quem bate no cão, bate no dono* (Parente, 2005: 574).

CAPÍTULO IV

Valor cultural

Analisadas as expressões fixas portuguesas e chinesas, temos uma ideia mais clara sobre as respectivas origens e constatamos a dificuldade de encontrar expressões equivalentes. Muitas vezes, temos que estudar a história por detrás e analisar a origem para as conseguirmos entender.

Embora haja alguns exemplos de ótimas equivalências, como descrito no capítulo III, estas não partilham a mesma forma ou as mesmas palavras. Quer dizer, muitos deles não são equivalentes na sua forma, mas na ideia, já que a língua é influenciada pela história, cultura e costumes.

Depois de esmiuçados os significados, importa analisar os elementos culturais que se refletem nas expressões idiomáticas e nos provérbios.

4.1 Diferenças geográficas

Portugal e a China são países bastante longínquos. Um fica no Ocidente, na Península Ibérica, sendo delimitado a oeste e a sul pelo Oceano Atlântico, e a norte e oriente pela Espanha, e o outro situa-se a Oriente, no continente asiático. As diferenças geográficas têm influência nas distintas formas de vida, tal como no que se refere às línguas. Tomemos um exemplo:

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 318)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original na <i>Arte China</i>	Significado dos caracteres chineses
De dragão nasce dragão, e de águia, águia; nasce o rato, logo depois sabe fazer buracos. (Filho de peixe sabe nadar)	龙生龙凤生凤，老鼠的儿子会打洞 (<i>lóng shēng lóng fēng shēng fēng, lǎoshǔ de érzi huì dǎ dòng</i>)	dragão/nascer/dragão/ fénix/nascer/fénix/ rato/filho/sabe/fazer/buraco

Como explicado anteriormente, os dois provérbios são equivalentes corretos. Eles remetem para a mesma ideia de que a família tem forte influência no crescimento de um indivíduo. No entanto, utilizam diferentes animais; no provérbio português é um "peixe"

e no chinês "dragão, fénix e rato". Na natureza, os animais mostram claramente a hereditariedade, pois não são influenciados pela sociedade, pelos estudos e trabalho, como acontece com os seres humanos.

Surge aqui a interessante questão sobre o porquê de portugueses e chineses usarem animais diferentes como "alvo de metáfora". Do nosso ponto de vista, isso deve-se a circunstâncias geográficas muito diferentes, que provocam ambientes diversos e também se refletem na língua.

Os portugueses vivem perto do mar, não sendo portanto nada estranhos os elementos relativos ao mar nas suas expressões idiomáticas e nos seus provérbios. Isso explica por que razão é o peixe o cerne da metáfora no provérbio português.

A paisagem da China é composta maioritariamente de planícies, planaltos e montanhas, daí o recurso a animais terrestres como o rato nos provérbios. Os imaginários dragão e fénix relacionam-se com a história chinesa.

As diferenças geográficas e de relevo influenciam a formação das expressões idiomáticas e provérbios. Para confirmar a ideia, podemos apresentar mais exemplos. Há muitos provérbios relacionados com o mar e marinheiros em Portugal. E muitos dos provérbios chineses têm a ver com a terra. Vejamos alguns:

Peixe velho é entendedor de anzóis (Parente, 2005: 523)

Esse provérbio português significa que as pessoas mais velhas têm mais experiência de vida do que as mais jovens. Aqui o "alvo de metáfora" é, mais uma vez, o peixe. Em chinês há um provérbio com um significado semelhante, mas o elemento metafórico é um animal terrestre: 老马识途 (*lǎo mǎ shí tú*) — literalmente significa que "o cavalo velho conhece a direção".

Comparemos este par de provérbios:

Peixe velho é entendedor de anzóis (provérbio português)

O cavalo velho conhece a direção (provérbio chinês)

Mais uma vez, no provérbio português surge a imagem do peixe, e na versão chinesa o alvo da metáfora é o cavalo. Isto revela que os portugueses vivem perto do mar,

fazem muitas atividades relacionadas e, por isso, estão mais familiarizados com os frutos do mar e o peixe. Já a China, desde tempos antigos que é um país agrícola. Os chineses fazem mais atividades relacionadas com a agricultura, estando mais familiarizados com os animais terrestres.

Ficar em águas de bacalhau (idiomatismo português)

Como refere Venclovská (2010: 43), Portugal é um país onde a pesca sempre desempenhou um papel importante. Muitos pescadores morreram no mar. Isto reflete-se neste provérbio, que significa que alguma coisa ficou sem efeito, não se realizou ou não foi realizada com sucesso.

No *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas* (Simões, 1993: 203), o idiomatismo é explicado assim: 'Sofrer malogro; ficar em nada; não ser realizar'.

Dinheiro de sardinhas (idiomatismo português)

Segundo Venclovská (2010: 85-86), este idiomatismo refere-se ao dinheiro recebido ou obtido pouco a pouco, em pequenas quantidades. Tem a sua origem ligada à época em que as sardinhas eram muito baratas e só se conseguia juntar dinheiro se se vendessem muitas.

O *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas* (Simões, 1993: 145) explica o idiomatismo como 'Pequenas quantias; pagamento a pequenas prestações'.

Se Portugal é um país de mar e de pesca, a China, pelo contrário, está mais ligada a atividades agrícolas. Assim, há muitas expressões fixas em chinês com animais terrestres:

老黄牛 (*lǎo huáng niú*): "Boi velho" (Li, 2004: 487)

Como país fisiocrata, o desenvolvimento da China antiga dependeu da agricultura. Ora, antigamente usava-se o boi para cultivar a terra, um animal forte, constante, amigo e um bem importante para os camponeses chineses. Em chinês, o "boi velho" significa uma pessoa muito trabalhadora.

千里马 (*qiān lǐ mǎ*): "Cavalo que corre mil Li por dia" (Li, 2004: 649)

O li é uma unidade de medida de comprimento da China antiga, equivalente a 500 metros. Um cavalo que corresse mil li por dia seria o mais eminente dos cavalos. A expressão significa que uma pessoa é eminente ou talentosa.

Sendo, respetivamente, um país de pesca e outro de agricultura, Portugal e a China também possuem provérbios relacionados com os fenómenos meteorológicos que interferem nessas atividades económicas. Em Portugal, encontramos os seguintes exemplos:

Nuvem comprida que se desfia, sinal de grande ventania (Parente, 2005: 433)

Sendo o vento importante para navegar, o povo observava as nuvens para prever o tempo. Das suas experiências de observação do tempo surgiu o provérbio.

Lua deitada, marinheiro em pé; lua em pé, marinheiro deitado (Parente, 2005: 319)

O mar é misterioso e, às vezes, perigoso. Os marinheiros portugueses antigos conseguiam perceber o estado do mar através da lua. De acordo com essa sabedoria ancestral, quando a lua está em pé, não é seguro navegar.

Na China, o povo dava mais atenção ao cultivo e à terra e também observava o céu, o sol ou as nuvens, não para navegar, mas para cultivar:

伏里无雨，谷里无米；伏里雨多，谷里米大 "Nos dias mais quentes de verão, se não chover, não haverá arroz no celeiro; Nos dias mais quentes de verão, se chover muito, vai haver muito arroz no celeiro" (*fú lǐ wú yǔ, gǔ lǐ wú mǐ; fú lǐ yǔ duō, gǔ lǐ mǐ dà*) (Wen, 2010: 259).

A chuva é muito importante para a agricultura, pois se faltar água, as plantas não crescem. Por isso, os chineses davam-lhe muita atenção, constatando que anualmente havia sempre um período muito quente, a que chamaram 伏 (*fú*). Seria importante observar a quantidade da chuva nesse período, porque quando fica muito calor, a água evapora rapidamente. Assim, era precisa muita chuva para garantir o crescimento do arroz.

天上扫帚云, 三五日内雨淋淋 "Nuvem como vassoura, chove alguns dias depois" (*tiān shàng sǎo zhǒu yún, sān wǔ rì nèi yǔ lín lín*) (Wen, 2010: 988).

Tal como os marinheiros em Portugal, os camponeses chineses também observam as nuvens, não por causa dos ventos, mas por causa da chuva. Segundo a experiência dos agricultores, caso a nuvem se pareça com uma vassoura, é sinal que vai chover.

É claro que em Portugal também foi e é importante a agricultura, havendo numerosos provérbios e idiomatismos acerca da terra, das culturas e produtos, e do tempo atmosférico, contudo, dada a pequena extensão do país, em comparação com a da China, e a dimensão enorme da costa (marítima) portuguesa, avultam bastante as frases e expressões fixas relativamente ao mar, a que correspondem em chinês expressões e frases essencialmente terrestres e voltadas para a agricultura.

4.2 Diferenças religiosas

Na história do desenvolvimento dos seres humanos, a religião ocupa um lugar muito significativo. Os humanos são animais gregários, a formação do grupo é importante para os humanos. Desde tempos muito antigos que os humanos com a mesma crença se juntaram, formando assim as tribos primitivas.

A crença é um mecanismo importante para governar e juntar as pessoas. Voltando ao início da sociedade humana, a lei e a estrutura social eram mais fracas do que atualmente. Diferentes das coisas concretas que podemos ver e tocar, tudo isso é imaterial, produto da "imaginação" da Humanidade, pois que começam por existir nas mentes dos humanos. Somente quando estes creem na existência de "regimes", conseguem criar a sociedade. Posto isto, na história, o papel da religião é importante porque fortalece e legitima estruturas fracas. Inventada a religião, as leis e as estruturas sociais deixaram de vir da "imaginação" dos povos, para se sustentarem num poder absolutamente divino. Dessa forma, os regimes básicos ficaram assegurados, garantindo a estabilidade social (Harari, 2014: 2984-3001).

As crenças são diferentes e sempre foram influenciadas pelas características regionais, o que resultou em diferentes religiões. No sentido inverso, as religiões também influenciaram a vida das pessoas. Quem vivesse na China entre 420 e 589 (dinastia de Sul e Norte) veria que quase todas as pessoas professavam o Budismo, e os monges eram os mais respeitados na sociedade. Quem vivesse em Meca no ano 1300, podia ouvir as pessoas a dizerem repetidamente os 99 nomes de Alá. Quem nascesse em Portugal, iria à igreja e usaria um terço para rezar.

Embora ambos sejam países laicos hoje em dia, o desenvolvimento das sociedades em Portugal e na China foi muito influenciado pelas religiões. Portugal, um país ocidental influenciado pela história e tradição, tem o Catolicismo como religião principal. E na China, um país oriental, podemos apontar o Budismo e o Taoísmo como religiões principais. Esta diferença influencia a vida dos povos e também se reflete na língua, especialmente nas expressões idiomáticas e nos provérbios. Vejamos alguns exemplos:

Frase correspondente em português, na <i>Arte China</i> (Gonçalves, 1829: 316)	熟语 (shúyǔ) original na <i>Arte China</i>	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito editado em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017)	Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 451)	Significado dos caracteres chineses
Ocioso não vás ao tribunal e só quando tiveres dinheiro, irás à taverna	无事不登三宝殿，有钱方到杏花村	无事不登三宝殿 (wúshì bùdēng sānbǎodiàn)	O ocioso não vai ao templo	não ter/assunto/ não/ir/ templo

三宝殿 (sānbǎodiàn) são os pavilhões principais de um templo, indicando aqui o 'templo'. A tradução literal da frase "não tem assuntos, não vai ao templo" surgiu para ensinar os fiéis a serem sinceros com Buda. Não devem ir ao templo só quando precisam de ajuda, mas regular e sinceramente.

O provérbio do quadro 15 mostra a diferença de entendimento do conceito de "diabo" em Portugal e na China, diferença essa igualmente influenciada pela religião.

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 433)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Quem tem dinheiro manda o diabo moer	有钱使得鬼推磨 <i>ieu çien xê tí coei tuei mo</i> mandar para diabo puxar moinho (<i>yǒu qián shǐ dé guǐ tuī mò</i>)	Tem/dinheiro mandar/diabo/puxar/moinho

Como tivemos oportunidade de explicar no capítulo III, aqui 鬼 (*guǐ*) não pode ser traduzido simplesmente como *diabo*, porque o *diabo* em português não equivale ao 鬼 chinês. Na China, a perspectiva de 鬼 (*guǐ*) é influenciada, concomitantemente, pelo Taoísmo e pelo Budismo. Segundo o Budismo, há seis reinos de samsara (sânscrito):

Reino do Deva, dos deuses, dotado de felicidade e orgulho.

Reino dos semideuses, caracterizado pela sua inveja e ciúme.

Reino dos humanos, baseado no desejo e apego, paixão e dúvida.

Reino animal, determinado pela estupidez e preconceito.

Reino dos *Preta*, dos espíritos famintos, estado de ser possessivo, ganância.

Reino dos infernos.

(Kwee, 1990: 15-16)

Os 鬼 (*guǐ*) pertencem ao reino dos espíritos famintos e, tal como os produtos do resto dos reinos, são apenas frutos da natureza. O sujeito de cada reino é paralelo, incluindo os deuses, os humanos e os espíritos famintos; todos eles vão experienciar o

processo de reencarnação, ideia introduzida na sociedade chinesa através do Budismo indiano.

No Taoísmo, religião originária da própria China, os 鬼 (*guǐ*) são os espíritos dos mortos. Os chineses combinaram os conceitos taoistas e budistas, em consequência, 鬼 (*guǐ*) é visto como os espíritos dos mortos que vão reencarnar.

O diabo tem uma origem muito diferente em Portugal: vem do cristianismo. No Bíblia, o diabo é Satanás e no dicionário é símbolo do mal.

Em um primeiro momento, o demônio hebraico não assume a postura estritamente aterrorizante que reconhecemos no cristianismo. Em várias passagens do Velho Testamento, ele surge como uma espécie de colaborador que recebe a autoridade divina para punir ou testar os fiéis seguidores de Javé. O sofrimento de Jó, que perdeu todas as suas terras e ficou adoentado, exemplifica esse tipo de postura que o demônio assume inicialmente no texto bíblico.²⁷

Analisando tudo isso, concluímos que 鬼 (*guǐ*) e o *diabo* não são a mesma coisa. Não pertencem ao mesmo sistema e não correspondem ao mesmo tipo de ser, o que reflete a diferença religiosa entre a China e Portugal. Outras expressões idiomáticas e provérbios expressam as diferenças religiosas entre os dois países. Em chinês, encontramos os seguintes exemplos:

借花献佛 "Pedir as flores emprestadas para dar a Buda" (*jiè huā xiàn fó*) (*Dicionário de Chengyu Chineses*, 2004: 518).

Este 成语 (*chéngyǔ*) está relacionado com as atividades do Budismo. Para mostrar a devoção a Buda, os fiéis levam-lhe flores ao templo. Mas a expressão fixa fala de uma situação em que se pedem emprestadas as flores para oferecer, significando que se usam as coisas dos outros para prestar homenagem ao Buda.

²⁷ <https://historiadomundo.uol.com.br/curiosidades/a-origem-do-diabo.htm>, Consultado em 18-04-2018.

救人一命胜造七级浮屠 "Salvar uma pessoa é melhor do que construir um torre budista de sete pisos" (*jiù rén yī mìng, shèng zào qī jí fú tú*) (Wen, 2010: 458).

A palavra 浮屠 (*fútú*) vem da expressão sânscrita "buddha stupa", significando "torre budista" ou pagode²⁸. Segundo esta fé, construir este tipo de edifício é bom; quem construir uma torre de sete pisos, por ser muito alta, terá ainda mais mérito. Mas o provérbio diz que salvar a vida de uma pessoa é melhor do que construir uma torre Stupa de sete pisos. O provérbio pretende estimular as boas ações do povo.

Em português, também há expressões fixas relacionadas com a religião.

(Ter uma) Paciência de Jó/Job:

Ter paciência de Jó/Job é um idiomatismo antigo para designar alguém que é muito paciente e aceita tudo, bom e mau. Jó é uma personagem bíblica que sofreu muito, já que o Diabo lhe tirou tudo o que tinha para desafiar a sua fé em Deus. No final foi recompensado por Deus, por se ter mantido fiel a ele.²⁹

Segundo o *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas* (Simões, 1993: 308), a explicação deste idiomatismo é: *Docilidade, aceitação de tudo, bom e mau*.

Judeu errante:

Segundo o *Dicionário de Expressões Correntes* (Neves, 2000: 252), a expressão fixa é usada para indicar um 'indivíduo que anda de terra em terra sem se fixar'. A designação provém duma lenda relacionada com a paixão de Cristo. Carregando a cruz, Jesus tentou descansar à porta de um sapateiro. Mas este repeliu-o brutalmente, mandando-o caminhar. Jesus ter-lhe-á dito que, a partir daí, erraria pelo mundo sem jamais se fixar.

²⁸ Trata-se de um monumento da tradição budista que representa a mente de todos os seres iluminados. A sua construção – incentivada pelo próprio Buda Shakyamuni – obedece a uma série muito rigorosa de técnicas e sabedoria milenar do budismo.

²⁹ <http://www.qualeagiria.com.br/giria/paciencia-de-jo/> Consultado em 18-04-2018.

4.3 Diferenças históricas

A História é a análise dos eventos e processos que ocorreram no passado. Por isso, a história é a riqueza mais valiosa de um país, respondendo a todas as perguntas do passado.

A História constitui uma parte da cultura. Que filosofia se divulgou? Como se formou o mapa de uma nação? Tudo isso influencia a cultura de um país ou, por outras palavras, as suas características.

Visto que têm histórias tão diferentes, a China e Portugal possuem características bastante diversas. Será que isso se reflete na língua? A resposta é sim, já que a língua regista sempre a história fielmente. Vejamos o exemplo de um provérbio já explicado no capítulo III:

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 435)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
De três que vão juntos decerto que alguém me excede.	三人同行必有我师 <i>san jen tum him pi ieu uo xê</i> <i>simul actio obrar certe meu mestre</i> (<i>sānrén tóngxíng bì yǒu wǒshī</i>)	Três/pessoas/andar juntos/certamente/haver/meu/mestre

Como analisado atrás, o provérbio significa que há sempre pessoas melhores que nós próprios, ideia amplamente aceite entre os chineses e ensinada por Confúcio. O filósofo disse-o para ensinar aos alunos o valor da humildade e da importância de aprendermos com os outros.

A filosofia mais importante da China é o Confucionismo, que influenciou de uma forma profunda a cultura chinesa, especialmente na antiguidade. O Confucionismo foi um instrumento de governo usado pelos imperadores durante muito tempo, e que continua a ter ampla aceitação, tendo revestido novas formas e adaptações — o neoconfucionismo. Em tempos antigos, todas as pessoas que conseguissem ter acesso à educação deviam estudar as obras confucionistas, portanto o Confucionismo era a

filosofia básica do país. Hoje, embora ainda faça parte da cultura chinesa, os cidadãos conseguem ver o Confucionismo de uma perspectiva dialética, isto é, aceitam as ideias valiosas, mas relevam as exigências irracionais.

Um provérbio que o Padre Joaquim registou no livro pode servir como exemplo:

棒打出孝子，娇养忤逆儿"O bom filho com pancadas se cria, e o rebelde com mimos"(bàng dǎ chū xiào zǐ , jiāo yǎng wǔ nì ér) (Barros & Ng Cen, 2017: 440)

Depois de ouvir ou ler esse provérbio que vem do Confucionismo, o Padre Joaquim registou e traduziu o provérbio no seu livro. A sua tradução explica bem o significado do provérbio. De acordo com o Confucionismo, a "piedade filial" é uma exigência básica feita a todos os seres humanos. Os pais tinham a autoridade absoluta sob os filhos e estes deviam aceitar tudo o que os pais faziam. Dessa maneira, de acordo com o Confucionismo, só as pancadas seriam métodos adequados de educação, os mimos não eram aceitáveis e os filhos deviam respeitar essa forma de educar.

Durante milhares de anos, os chineses seguiram essa ideia. Hoje sabemos que educar com incentivos e elogios é melhor para as crianças, e que os filhos não são propriedade dos pais. Então, os pais não têm autoridade absoluta sobre os filhos. Na China atual, essa ideia confucionista tornou-se uma exigência irracional. Mas graças aos registos históricos, temos oportunidade de ver a mudança de mentalidade dos chineses. Graças ao registo do Padre Joaquim Gonçalves, os portugueses também têm oportunidades de conhecer essa mudança.

A formação de cada país também é diferente.

A China nasceu na região do rio Amarelo, desenvolvendo-se gradualmente até formar o país gigante que vemos no mapa. Desde muito cedo, na dinastia Qin (221-207 a.C.), tornou-se um país unido, graças ao contributo do imperador Qin Shihuang (260-210 a.C.)³⁰. Durante os milhares anos que se seguiram, apesar da mudança de dinastias, todos os imperadores tentaram manter o território unificado. Assim, a China adotou uma política de centralismo para garantir a unificação do país.

³⁰ Qin Shihuang foi rei do Estado chinês de Qin de 247 a 221 a.C. Posteriormente, tornou-se o primeiro imperador de uma China unificada, de 221 a.C. a 210 a.C., reinando sob a alcunha de Primeiro Imperador.

A situação de Portugal é muito diferente. Localizado no continente europeu, a formação e configuração do país tem muito a ver com o desenvolvimento da Europa. Do ponto de vista geográfico, o país difere muito da China: a Europa é mais aberta por ter um litoral mais longo e fragmentado; enquanto a China é mais fechada, por causa dos Himalaias e da Muralha construída para se proteger de invasões dos inimigos.

No aspeto político, a Europa adotou o feudalismo, com cada feudo a deter o poder de administração. Embora tivesse um imperador, a Europa não era tão unificada como a China, existindo muitos reinos, cada um com a sua própria língua e cultura.

No provérbio do quadro 5 podemos ver essas diferenças:

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O Método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 431)	熟语 (shúyǔ) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Se fores a Roma, vive à romana.	随乡儿入乡儿 <i>sui hiam lh ju siam lh</i> daqui aldeia partícula entrar aldeia (<i>suí xiāng ér rù xiāng ér</i>)	Seguir/aldeia/partícula /entrar/aldeia/partícula

A tradução e o provérbio equivalente propostos pelo autor oferecem correspondência perfeita. Ambos significam que se deve respeitar e seguir os costumes locais. Mas, comparando os dois provérbios, "em Roma, sê romano" e "entra numa aldeia, seguindo os costumes dali", podemos ver que os sítios escolhidos são muito diferentes. Na versão chinesa usa-se "aldeia" para indicar o sítio estrangeiro, enquanto na versão portuguesa se usa "Roma".

Isso tem a ver com diferenças histórias. Na China, quando os chineses pensavam no que lhes era estranho ou estrangeiro, evocavam outra aldeia ou cidade. Mas nos países da Europa que pertenceram ao antigo império romano, e que possuem até hoje línguas românicas, formadas pela modificação do latim, pensava-se em "Roma", a cidade capital do império, o centro para onde confluíam todos os povos que o compunham, e que hoje pertencem maioritariamente à Europa.

Por terem histórias diferentes, cada país tem costumes e festividades distintos, o que também se reflete na língua. Há muitos provérbios relacionados com as festas

tradicionais, através dos quais podemos observar as diferenças culturais e históricas entre a China e Portugal. No manuscrito que lhe é atribuído, editado com grafia atualizada (edição interpretativa) por Barros e Ng Cen (2017) como *O Método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português*, o Padre registou o seguinte provérbio:

月到中秋分外明 "A Lua no meio do Outono resplandece mais" (*yuè dào zhōngqiū fèn wài míng*) (Joaquim Gonçalves, *apud* Barros e Ng Cen, 2017: 451)

Nesta frase, o Meio do Outono remete para um feriado tradicional chinês. O Meio do Outono acontece no dia 15 do oitavo mês do calendário lunar, em que se comemora o Festival do Meio do Outono³¹. De acordo com a experiência dos chineses, essa é a data ideal para admirar a lua cheia. Cada ano, as famílias reúnem-se e admiram a lua juntos, pelo que o evento também é conhecido como Festival da Lua. A frase fala sobre esse feriado e permite conhecer os costumes durante um festival tradicional chinês.

Em português também existem exemplos semelhantes:

Natal em casa, junto à brasa (Parente, 2005: 425).

O Natal é uma festividade e um dia santo comemorado em todos os países cristãos. Cada ano celebra-se o Natal no dia 25 de dezembro, sendo um momento de reunião familiar importante. Todos voltam para casa e jantam juntos, conversam e passam uma doce noite junto à lareira — na casa tradicional em que ainda havia fogueiras ao vivo, na lareira, coberta pela chaminé.

O provérbio mostra uma característica dessa festa religiosa. Para entender o significado, deve saber-se que o Natal se festeja no inverno. Para quem não conhece o Natal, será difícil entender por que motivo as pessoas ficam junto às brasas naquele dia. Ou seja, existem elementos histórico-culturais que explicam o provérbio.

Pelo S. João deve o milho cobrir o rabo do cão (Parente, 2005: 526).

³¹ O Festival de Meio do Outono é uma celebração popular na China para celebrar a abundância e a união.

Sendo a autora estrangeira, quando leu esta frase não entendeu. Para isso, é preciso saber-se o que é o São João, uma festa popular em Portugal, comemorada na noite de 23 para 24 de junho. É uma festa de verão, pelo que é razoável que o milho esteja crescido e maduro.

Países diferentes, com diferentes histórias, formaram culturas distintas. Os provérbios e as expressões idiomáticas, por serem formas de expressão do povo, mostram claramente essas idiossincrasias. Através deles, podemos identificar as diferenças culturais e conhecer a cultura do outro país, o que ajuda na aprendizagem da sua língua.

CONCLUSÃO

Encerrando o capítulo III, podemos concluir que, muitas vezes, Gonçalves ofereceu só traduções literais dos provérbios e idiomatismos chineses. Realmente, a diferença cultural é a razão principal disso. Os provérbios e idiomatismos têm muita a ver com a cultura e a história de cada país. Em muitos casos, se não conhecêssemos a história ou a cultura relacionada, não entenderíamos o seu significado. Assim, encontrar um bom equivalente pode ser uma tarefa extremamente difícil. Posto isto, Gonçalves ofereceu muitas vezes só tradução literal. Na minha tentativa de procurar o equivalente para os provérbios e idiomatismos, sendo uma chinesa que sabe falar português, também descobri que é muito difícil encontrar uma expressão fixa como um bom equivalente. Às vezes, só há expressões fixas de significado próximo. Outras vezes, apesar de ter encontrado uma expressão fixa do significado igual, resta alguma insatisfação, pelo facto de não se conseguir mostrar o meso valor histórico ou cultural naquela expressão fixa que se encontrou. Gonçalves deve ter experimentado este mesmo problema, e por isso, nalguns casos, escolheu manter o valor histórico ou cultural e só registou a tradução literal, em vez de oferecer um equivalente em português.

Tomemos exemplos:

对驴抚琴 (*duì lǘ fǔ qín*) — Tocar viola a um burro (a quem não entende da matéria).

Como expliquei no capítulo III, esta expressão fixa chinesa tem fonte literária. Ela surgiu primeiramente como uma história num livro literário chinês. A expressão significa 'falar com alguém que não pode entender ou não quer ouvir'. Na minha investigação, descobri que há muitos idiomatismos ou provérbios de significado semelhante em português, como *Pregar aos peixes*; *Falar para o boneco*; *Falar para as paredes...* Todavia, Gonçalves não registou nenhum deles na sua obra, antes manteve a tradução literal e explicou o significado metafórico do *burro* em chinês. A tradução literal tem a ver com a história relacionada, assim, através dessa tradução à letra, Gonçalves manteve o valor cultural desta expressão fixa. E como ela está registada na sua obra *Arte China*, a sua gramática chinesa e, simultaneamente, o manual de chinês que de algum modo espelhava as suas aulas e nelas seguia, Gonçalves podia explicar cada história aos alunos para que não só ensinasse a língua mas também transmitisse a cultura chinesa.

No caso do provérbio 有钱使得鬼推磨 (*yǒu qián shǐ dé guǐ tuī mò*) — *Quem tem dinheiro manda o diabo moer*, pelo mesmo motivo, Gonçalves também manteve o valor cultural com a tradução literal. O provérbio, cujo significado é 'As pessoas valorizam muito o dinheiro, achando que, com ele, podem fazer tudo', radica num conto que se regista num livro literário chinês. Embora haja muitos provérbios com o mesmo significado em português, como *Quem dinheiro tiver, fará o que quiser*, ele não registou nenhum como equivalente na sua obra.

Além disso, como referi no início do trabalho, quer em chinês quer em português, os provérbios e idiomatismos refletem muito a vida, a experiência do povo. Os povos vivem em ambientes muito diferentes, as coisas com que contactam na vida quotidiana são distintas. Assim, por vezes Gonçalves traduziu o carácter chinês por uma palavra que designa uma coisa diferente, mais conhecida ou mais aceitável na cultura ocidental.

Assim, no caso do provérbio 龙生龙凤生凤, 老鼠的儿子会打洞 (*lóng shēng lóng fēng shēng fēng, lǎoshǔ de érzi huì dǎ dòng*) — *De dragão nasce dragão, e de águia, águia; nasce o rato, logo depois sabe fazer buracos (Filho de peixe sabe nadar)*. Ele traduziu o carácter correspondente a *fénix* como *águia*. Sendo a *fénix* um animal das lendas chinesas, não é muito conhecido na cultura ocidental. Ele escolheu, por isso, outro animal para servir como equivalente, de forma a tornar mais fácil o entendimento por parte dos seus alunos e dos falantes de português, o que não muda o significado geral deste provérbio.

Às vezes, quando encontrou algo pouco conhecido por parte dos ocidentais, não traduziu diretamente, mas ofereceu um bom equivalente que não coincide com os mesmo elementos ou referentes. No caso da expressão fixa 指着桑树骂槐树 (apontar/amoreira/maldizer/acácia) (*zhǐzhe sāngshù mà huáishù*), no seu manuscrito traduziu *acácia* por *árvore de outra espécie*, o que, de qualquer modo, não muda o significado geral do provérbio.

Frase correspondente em português, no manuscrito editado em <i>O método...</i> (Barros e Ng Cen, 2017: 433)	熟语 (<i>shúyǔ</i>) original no manuscrito	Significado dos caracteres chineses
Põe o ramo em uma parte e vende o vinho noutra.	指着桑树骂槐树 <i>chê chau sam xu ma txu xu</i> apontar amoreira <i>maledicere</i> árvore árvore de outra espécie (<i>zhǐzhe sāngshù mà huáishù</i>)	apontar/amoreira/ maldizer /acácia

De facto, não só é grande, em alguns casos, a dificuldade de encontrar equivalentes corretos, como às vezes também é difícil traduzir literalmente, por causa das diferenças culturais. Não obstante, Gonçalves ainda ofereceu vários provérbios chineses e portugueses com correspondências válidas, alguns dos quais tivemos oportunidade de analisar. A equivalência correta explica-se por duas grandes razões:

1. A tradução literal é suficiente para captar o significado do provérbio.

Às vezes, os provérbios são fáceis de entender, sobretudo se não encerram metáforas ou têm origem em textos antigos, facilitando o entendimento através da tradução literal. Os dois pares de provérbios abaixo são disso exemplo.

Quadro 27. Exemplos de provérbios de fácil entendimento

O que ouvido não ouve, coração não sente.	耳不听，心不烦 orelhas/não/ouvir/ coração/não/preocupar
O que o olho não vê, coração não deseja.	眼不见，嘴不馋 olhos/não/ver/boca/não/desejar

Este tipo de provérbios não exige uma pesquisa acerca da origem ou da história para se compreender. Afinal, os provérbios são frases do povo, resultam geralmente das experiências da vida, pelo que a tradução literal pode ser suficiente para o entendimento.

As pessoas do povo são simples, não precisam de palavras literárias e cultas, a filosofia da vida reside geralmente nas palavras mais singelas e vulgares.

2. Existem experiências aproximadas em cada país.

Nem todos os idiomatismos e provérbios podem ser entendidos através da mera tradução literal. Para os restantes, importa conhecer a metáfora usada ou a história deles para se obter um significado correto. Ainda assim, encontramos alguns pares de idiomatismos ou provérbios com equivalentes exatos na obra de Gonçalves.

Quadro 28. Provérbios com equivalência correta, sem tradução literal

Em casa de ferreiro, espeto de pau	卖扇的手扇凉，卖席的睡土炕 Vendedor de leques/mão/refrescar/ Vendedor de esteira/deitar-se/cama de tijolo
A galinha do meu vizinho é mais gorda que a minha.	这山望着那山高 Esta/montanha/olhar/aquela/montanha/alto
Se fores a Roma, vive à romana.	随乡儿入乡儿 Seguir/aldeia/partícula/entrar/aldeia/partícula
Quem não deve não teme	心正不怕影儿斜 Coração/reto/não/recear/sombra/oblíquo
Palavra que sai da boca é pedra que sai de mão	一言出口驷马难追 Palavra/sair/boca/carruagem de quatro cavalos/difícil/apanhar
Caiu a sopa no mel	雪中送炭 A neve/oferecer/carvão
De dragão nasce dragão, e de águia, águia; nasce o rato, logo depois sabe fazer buracos. (Filho de peixe sabe nadar)	龙生龙凤生凤，老鼠的儿子会打洞 dragão/nascer/dragão/ fénix/nascer/fénix/ rato/filho/sabe/fazer/buraco
Chega-te aos bons e parecerás um deles.	挨金似金挨玉似玉 aproximar/ouro/parecer/ouro /aproximar/jade/parecer/jade

Os provérbios apresentados têm significados semelhantes, mas não usam a mesma formulação ou as mesmas palavras. Por exemplo, no primeiro par da tabela, ambos os provérbios descrevem a situação de pobreza dos trabalhadores ou a pessoa que é hábil em

determinada coisa mas não usa essa habilidade em seu favor. Todavia, na versão chinesa mencionam-se os vendedores de leques e de esteiras, enquanto na portuguesa se alude aos ferreiros. O povo ia observando os fenómenos à sua volta e escolhia pessoas ou coisas comuns na sua vida quando se ia exprimindo de um modo que viria a tornar-se proverbial. Podemos ver que na China antiga havia muitos vendedores, enquanto em Portugal era comum ser-se ferreiro.

No terceiro par de provérbios, porém, a formulação das duas frases é muito diferente. Então por que correspondem tão bem? Porque o respeito pelos costumes é valioso em quase todas as culturas. Cada país tem os seus próprios costumes, que é preciso respeitar. Posto isto, em ambos os países há provérbios sobre o tema, ainda que as diferenças geográficas ditem lugares de referência distintos.

Podemos ver que, embora sejam culturas muito divergentes, a experiência de vida é aproximada em cada país. Quer isto dizer que a filosofia de vida não é em tudo limitada pela geografia, cultura, história, e é comum na sociedade humana.

Este trabalho é só uma pequena contribuição para o estudo contrastivo dos provérbios e idiomatismos em português e chinês, os quais registam fielmente a cultura, a história dum país, sendo uma riqueza que vale muito pena investigar mais profundamente. Graças ao pioneiro estudo do sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves, a recolha de muitos provérbios e idiomatismos chineses está garantida, sendo apenas necessário enriquecê-la com novos elementos, e a disponibilização de equivalentes e explicações, embora difícil, já sofreu um grande avanço nas suas obras, tendo-me oferecido esta oportunidade de fazer o seu estudo e de investigar os aspetos interculturais e históricos que eles espelham e exigem, para a sua cabal compreensão.

Referências bibliográficas

1. Academia de Ciências de Lisboa (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: A.C.L e Verbo.
2. Academia de Ciências da China. Instituto de Estudos das Línguas. Gabinete de Redação dos Dicionários (2006), 《现代汉语词典》 (*xiàndài hànyǔ cídiǎn*), [Dicionário de chinês moderno], Beijing: Shang wu yin shu guan.
3. Aresta, António (2000), "Joaquim Afonso Gonçalves – Professor e Sinólogo", in *Administração* n.º 48, vol. 2 do ano e vol. XIII total, pp. 677-683.
4. Barros, Anabela Leal de (2014), "Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em português e chinês do P.º Joaquim Gonçalves", *Diacrítica* 28-1, pp. 103-133.
5. Barros, Anabela Leal de, & Ng Cen, Ana (2014), *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: um manuscrito inédito do P.º Joaquim Afonso Gonçalves*, Introdução e Edição crítica de Anabela Leal de Barros, com Fixação dos caracteres chineses por Ana Ng Cen, Braga: Instituto Confúcio e Edições Húmus.
6. Barros, Anabela Leal de, & Ng Cen, Ana (2017), *O método de Joaquim Afonso Gonçalves: para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português*. V. N. Famalicão: Edição Húmus & Instituto Confúcio da Universidade do Minho.
7. Barros, Anabela Leal de (2018), *Das palavras de que os dicionários não rezam. Um dicionário inédito da língua portuguesa*, V. N. Famalicão: Edições Húmus & Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.
8. Bazin, Antoine-Pierre-Louis (1856), *Grammaire mandarine, ou principes généraux de la langue chinoise parlée*, Paris: L'Imprimerie Impériale.
9. Biber, D. (1995), *Dimensions of register variation: A cross-linguistic comparison*. Cambridge: Cambridge University Press.
10. Bluteau, Raphael (1712-1721), *Vocabulario Portuguez, e Latino...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos...*, vols. I, II (1712), III e IV (1713), Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu; vols. V (1716), VI, VII (1720) e VIII (1721), Lisboa, Pascoal da Sylva.
11. Bluteau, Raphael (1727-1728), *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino...*,

- Parte I (1727), Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio da Sylva; e Parte II (1728), Patriarcal Officina da Musica.
12. Bluteau, Rafael, & Silva, António de Moraes (1789), *Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva Natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo*. L-Z. Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
 13. Brant, J. Van Den (1936), 《1697-1935 年在华遣使会士列传》(1697-1935nián zàihuá qiǎnshǐ huìshì lièzhuàn) *Les Lazaristes en Chine 1697-1935*, Pei-P'ing Imprimerie des Lazaristes. Traduzido por Geng Sheng em chinês (2010).
 14. Cao, Xueqin (1715-1763; 1978), 曹雪芹, 《红楼梦》(hóng lóu mèng) *A Dream of Red Mansions* (tradução inglesa de Yang, Xianyi & Yang, Gladys), Peking: Foreign Languages Press.
 15. Coimbra, R. L., & Bendiha, U. P. (2004), "Nem todas as cegonhas trazem bebés. Um estudo de metáforas com nomes de animais em falantes portugueses e chineses", in Silva, Augusto Soares da, & Torres, Amadeu & Gonçalves, Miguel (Eds.), *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva 2*, pp. 217-225.
 16. Comissão de Editores do Cihai (2009), 《辞海: 第六版彩图本》(cǐhǎi: dì liù bǎn cǎitúběn), *Cihai: the sixth edition in color pictures*, Shanghai: Shanghai Lexicographical Publishing House.
 17. *Dicionário Mini da Língua Portuguesa* (2013), Porto: Porto Editora.
 18. Gabinete de Estudo do Chinês Moderno (2003), 《现代汉语》(xiàndài hànyǔ) [*Chinês Moderno*], Beijing: Shang wu yin shu guan.
 19. Chorost, Michael (2014), *Your brain on metaphors*, The Chronicle of Higher Education, Vol. 61, Issue 1, pp. B6-B9.
 20. Gianninoto, Mariarosaria (2014), "Translation in Chinese grammars", in Zwartjes, O., Zimmermann & Shrader Kniffki, M., *Missionary Linguistics V - Lingüística Misionera V: Translation Theories and practices*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 231-250.
 21. Gonçalves, Joaquim (1828), *Grammatica Latina ad usum sinensium juvenum*, Macao: Collegio Sancti Joseph.

22. Gonçalves, Joaquim Afonso (1829), 《漢字文法》 (*hànzì wénfǎ*) *Arte China, Constante de Alphabeto e Gramática, Compreendendo Modelos das Diferentes Composições*, Macau: Real Colégio de São José.
23. Gonçalves, Joaquim (1831), 《洋漢合字匯》 (*yánghàn hé zìhuì*), *Diccionario / Portuguez-China / No estilo vulgar Mandarim e Classico Geral / Composto Por / J. A. Gonçalves. / Sacerdote da Congregação da Missão. / M.R.S.A. / Impresso Com Licença Regia No Real Collegio de S. Jose. / Macao. / Anno de 1831.*
24. Gonçalves, Joaquim (1833), 《漢洋合字匯》 (*hànyáng hé zìhuì*) *Diccionario / China-Portuguez / composto por J. A. Gonçalves. Sacerdote da Congregação da Missão. M.R.S.A. Impresso com Licença Regia no Real Collegio de S. Jose. Macao. Anno de 1833.*
25. Gonçalves, Joaquim (1836), 《辣丁中國話本》 (*làdīng zhōngguó huàběn*), *Vocabularium Latino-Sinicum. Pronontiatione Mandarina Latinis Literis Expressa*, Macao: Lauriano Hippolyto Typis Mandatum.
26. Gonçalves, Joaquim Afonso (1839), 《辣丁中華合字典》 (*làdīng zhōnghuá hé zìdiǎn*) *Lexicon Manuale Latino Sinicum, Continens Omnia Vocabula Latina Utilia, et Primitiva, Etiam Scripturae Sacrae, Volumen Primum*, Macai: in Collegio S. Joseph ab Emmanuelle Rosa Typis Mandatum.
27. Gonçalves, Joaquim Afonso (1841), 《辣丁中華合字典》 (*làdīng zhōnghuá hé zìdiǎn*) *Lexicon magnum Latino-Sinicum: ostendens etymologiam, prosodiam, et constructionem vocabularum*, Macai: in Collegio Sancti Joseph ab Emmanuelle Rosa Typis Mandatum.
28. Gonçalves, Joaquim Afonso (1876), *Dialogues Français-Chinois traduits du Portugais de J. A. Gonçalves par Hamelin, A.*, Paris: E. Leroux.
29. Grupo de Editores da Academia Chinesa de Ciências Sociais (2003), 《现代汉语词典》 (*xiàndài hànyǔ cídiǎn*), [Dicionário de chinês moderno], Beijing: Shang wu yin shu guan.
30. Gurgel, M. C. L., & Vereza, S. C. (1996). "O dragão da inflação contra o santo guerreiro: um estudo da metáfora conceitual", *Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem*. ISSN

2237-759X, 5.

31. Harari, Yuval Noah (2014), 《人类简史:从动物到上帝》 (*rénlèi jiǎnshǐ: cóng dòngwù dào shàngdì*) *Sapiens: A Brief History of Humankind* (Tradução chinesa de Lin Junhong), Beijing: Zhongxin Press
32. Hu, Yuanbin (2011), 胡元斌,《成语故事第五辑》 (*chéngyǔ gùshì dìwǔjī*) [*História dos Chengyu, 5ª ed.*], Jilin: Shidai Wenyi Chubanshe.
33. Instituição dos livros antigos da Universidade de Hubei (2004), 《汉语成语大词典》 (*hànyǔ chényǔ dàcídiǎn*) [*Dicionário de Chengyu do chinês*], Beijing: Zhonghua shu ju.
34. Kwee, M.G. (1990), *Psicoterapia, meditación y salud: Una perspectiva cognitive-conductual*, publicado em formacion-karuna.es
35. Lakoff, G., & Johnson, M. (2008), *Metaphors We Live by*, Chicago: University of Chicago Press.
36. Levi, J. A. (2007), "Padre Joaquim Afonso Goncalves (1781-1834) and the *Arte china* (1829): An innovative linguistic approach to teaching Chinese grammar", Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science Series 3, pp. 111-211.
37. Li, Dan (2016), 李丹, "宋代童趣诗中的民俗探究" (*sòngdài tóngqùshī zhōngde mínsú tànjiū*) *Exploration of Folk Customs from Children's Poems in Song Dynasty*, Journal of Qujing Normal University, vol. 35 No.2 do Mar. 2016, pp. 39-44.
38. Li, Li (2006), 李莉, "国俗语义的认知阐释" (*guósú yǔyì de rènzhī chǎnshì*) [*O conhecimento das expressões idiomáticas*]. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade dos Estudos Internacionais do Xangai.
39. Li, Mao (2004), 李茂, 《汉语惯用语辞典》 (*hànyǔ guànyòngyǔ cídiǎn*) [*Dicionário de Guanyongyu chinês*], Shanghai: Hanyu Dacidian Press.
40. Liu, Fang & Zhang, Wenqin (1999), 劉芳、章文欽, 《清代澳門中文檔案彙編》. *Coleção de documentos sinicos do IAN/TT referentes a Macau durante a dinastia Qing*, Fundação Macau.
41. Liu, Ruomei (2009), 柳若梅, "江沙维的《汉字文法》与比丘林的《汉文启蒙》" (*Jiāng Shāwéi de "hànzì wénfǎ" yǔ Bǐ Qiūlín de "hànwén qīméng"*), Jornal da Universidade Normal de Huanan (ciências sociais), 6, 025.

42. Liu, Xianbing (1994), 劉羨冰, 《雙語精英与文化交流》 (*shuāngyǔ jīngyīng yǔ wénhuà jiāoliú*) *Pessoas Notáveis Bilingues e Comunicação Intercultural*, Macau: Fundação Macau.
43. Liu, Yeqiu (2003), 刘叶秋, 《成语熟语词典》 (*chéngyǔ shúyǔ cídiǎn*) [*Dicionário de Chengyu e Shuyu*], Beijing: Shang Wu Tin Shu Guan.
44. Liu, Zhijie (2013), 刘志杰, 《古人面试趣话》 (*gǔrén miànshì qùhuà*) [*Histórias interessantes das entrevistas nos tempos antigos*], *Jornal de Shidai Qingnian*, Vol. 1, pp 60-61.
45. Luo, Huayan (2000), 罗华炎, 《现代汉语语法》 (*xiàndài hànyǔ yǔfǎ*) [*Gramática de chinês moderno*], Beijing: Yiqing Press.
46. Mateus, M. H. M. (2005), "A mudança da língua no tempo e no espaço", in *A Língua Portuguesa em Mudança*, Lisboa: Caminho, pp. 13-30.
47. Melo, Francisco Manuel de (1608-1666; 1875), *Feira dos anexins: obra posthuma...*, Lisboa: Livraria de A.M. Pereira.
48. Neves, O., & Constantino, M. M. V. (2000), *Dicionário de expressões correntes*. Lisboa: Editorial Notícias.
49. Ng Cen, Ana (2015), *Alguns aspetos da variação linguística num manuscrito e no impresso Arte China, de Joaquim Gonçalves*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho, orientada por Anabela Leal de Barros e defendida a 13-02-2015.
50. Parente, Salvador (2005), *O livro dos provérbios*, 1ª ed., Lisboa: Âncora.
51. Rolland, F. & Bluteau, Raphael (1780), *Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes e recopilados por ordem alfabetica*. Lisboa: Na Typ. Rollandiana.
52. Rémusat, Jean-Pierre Abel (1831), "Septembre 1831, 3 [memória ou recensão de *Notitia linguae sinicae*, de Prémare, e 法文字漢 *Arte China*, de Gonçalves]", *Journal des Savans*, Année 1831, Paris: Imprimerie Royale, pp. 537-545.
53. Ridout, Ronald (1987), 《英汉双解.现代常用英语谚语辞典》 *Dictionary of English proverbs in current use: with Chinese translation: xian dai chang yong Ying yu yan yu ci dian*. Shangai: Shanxi renmin chu ban she.

54. Santos, A N. (1990), *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
55. Santos, M. A. M. dos (2000), *Dicionário de provérbios: adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*, Porto: Porto Editora.
56. Sia, Hooi Ling (2011), 谢慧玲, "现代汉语中的熟语研究" (*xiàndài hànyǔ zhōng de shúyǔ yánjiū*) [*A study of shuyu in modern chinese language*], Master dissertation/thesis, UTAR.
57. Silva, Helena Maria & Quintão, Duarte (1990), *Dicionário de provérbios*, 2ª ed., Lisboa: Escher.
58. Silva, Innocencio Francisco da (1858-1923), *Diccionario bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Aplicaveis a Portugal e ao Brasil*, (continuado por Brito Aranha, vol. X e ss.), Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
59. Silva, Antonio de Moraes (1823), *Diccionario da Lingua Portuguesa Recopilado de todos os impressos até o presente*, Lisboa: Typographia de M.P. de Lacerda.
60. Simões, G. A. (1993), *Dicionário de expressões populares portuguesas*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
61. Simões, G. A. (2000), *Dicionário de expressões populares portuguesas: arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem* (vol. 34), Lisboa: Publicações Dom Quixote.
62. Tao Yang (2013), *As fontes do P.º Joaquim Gonçalves para a criação do seu método de ensino aprendizagem de chinês (Arte China e Dicionários Português-China e China-Português)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, orientada por Anabela Leal de Barros, com Sun Lam para aspectos relativos à língua chinesa, e apresentada à Universidade do Minho a 1-11-2013.
63. Trask, R. L. (2007), *Language and linguistics: the key concepts*, Nova Iorque: Taylor & Francis.
64. Uchida, Keiichi (2011), *The 19th-century Missionary Gonçalves and Perceptions of the Chinese Language: The Portuguese Lazarist Church and it's Linguistic Policy*

- [Osaka: Kansai University, Institute for Cultural Interaction Studies].
65. Venclovská, Natálie (2010) *Animais nos Provérbios Portugueses*, Master's thesis. Masaryk University, Faculty of Arts. Thesis supervisor Iva Svobodová.
 66. Vilarinho, Manuel Eduardo Leal, (1985) *Alguns Aspectos da Paremiologia: a Influência da Expansão Marítima nos Provérbios Portugueses*. Lisboa: Academia da Marinha.
 67. Wade, Thomas Francis (1859), 《寻津录》 *The Hsin Ching Lu, or Book of Experiments; being the first of a series of contributions to the study of Chinese*, Hong Kong: At the Office of "The China Mail".
 68. Wang, Genlin & Huang, Yiyuan & Cao, Guangfu (1999), 王根林、黄易元、曹光甫, 《汉魏六朝笔记小说大观》 (*hàn wèi liù cháo bǐjì xiǎo shuō dàguān*) [*Coleção de romances nas dinastias Han, Wei*], Shanghai: Shanghai Guji Press.
 69. Wang, Qiugui (1989), 王秋桂, 《河北民间故事集》 (*héběi mínjiān gùshìjī*) [*Coleção das histórias folclóricas de Hebei*], Taiwan: Yuan Liu Press.
 70. Wang Xiao, *O eufemismo e o disfemismo em português e chinês, na obra do P.^e Joaquim Gonçalves*, Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, orientada por Anabela Leal de Barros e apresentada à Universidade do Minho a 10-02-2015.
 71. Wen, Ruizheng (2010a), 温瑞政, 《中国谚语大全上》 (*zhōngguó yànyǔ dàquán shàng*) [*Coleção de adágios chineses I*], Shanghai: Shanghai Lexicographical Publishing House.
 72. Wen, Ruizheng (2010b), 温瑞政, 《中国谚语大全下》 (*zhōngguó yànyǔ dàquán xià*) [*Coleção de adágios chinese II*], Shanghai: Shanghai Lexicographical Publishing House.
 73. Wen, Ruizheng (2003), 温瑞政, 《方言与俗语研究: 温瑞政语言学论文选集》 (*fāngyán yǔ sùyǔ yá jiū : wēnruìzhèng yǔyánxué lùnwén xuǎnjī*) [*O Estudo dos dialetos e os provérbios: Coleção de teses linguísticas de Ruizheng Wen*], Shanghai: Shanghai Lexicographical Publishing House.
 74. Xatara, Claudia Maria (1998), *O Campo Minado das Expressões Idiomáticas*, ALFA: *Revista de Linguística* 42 (1).

75. Xatara, C. M. & Succi, T. M. (2008), *Revisitando o conceito de provérbio*. Veredas on-line, 1:33-48.
76. Xing Didi (2009), 刑蒂蒂, 《略论澳门文化的特点及其对人类的贡献》 (*luèlùn àomén wénhuà de tèdiǎn jīqí duì rénlèi de gòngxiàn*) [*Comentário Geral de Características da Cultura Macaense e os seus contributos para a Humanidade*], Seleção de Estudos em Ciências Humanas e Sociais de Macau - Artes e Cultura, Imprensa Académica de Ciências Humanas (China).
77. Yao, Weijun (2004), 姚伟均, 《神秘的占梦》 (*shénmì de zhànmèng*) [Sonhos Misteriosos], Guangxi: Guangxi People Press.
78. Yeh, C. W. (2016), "Acerca de la vocal rótica del chino mandarín estándar de Taiwán", in Fernández Planas, A. M. (ed.), *53 reflexiones sobre aspectos de la fonética y otros temas de lingüística*, Barcelona: Laboratori de Fonètica de la Universitat de Barcelona , pp. 139-147.
79. Zhang, Bin (2005), 张斌, 《新编现代汉语》 (*xīnbiān xiàndài hànyǔ*) [*Nova versão de chinês moderno*], Shanghai: Fudan University Press.
80. Zhang, Xiyan (2015), 张喜燕, 《俗语小辞典》 (*súyǔ xiǎo cídiǎn*) [*Dicionário de provérbios*], Beijing: Shang wu yin shu guan.
81. Zhao, Zixu (1985), 赵子旭, 《中国常用成语典故名言故事源流辞书》 (*zhōngguó chángyòng chéngyǔ diǎngù míngyán gùshì yuánliú císhū*) [*Dicionário de fontes dos chengyu do chinês*], Beijing: Xinqingnian Press.
82. Zou, Tongqian & Zhou, Sanduo (2003), 邹统钎、周三多 《战略管理思想史》 (*zhànlüè guǎnlǐ sīxiǎng shǐ*) *Strategic Management*, Shanghai: Fudan University Press.

Referências situográficas

1. "Expressões idiomáticas", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, https://www.priberam.pt/dlpo/expressão_idiomática, Consultado em 14-03-2018.
2. "Provérbio", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/Provérbio>, Consultado em 14-03-2018.
3. <http://www.qualeagiria.com.br/giria/paciencia-de-jo/>, Consultado em 18-04-2018.
4. <https://historiadomundo.uol.com.br/curiosidades/a-origem-do-diabo.htm>, Consultado em 18-04-2018.